UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01543004 4

CARLOS F. ALVARES
Encadernações
Livros, Revistas e Jornais
Rua do Ouvidor, 262 — 1.º ANDAR

SÓ

ANTONIO NOBRE

SÓ

4.ª EDIÇÃO

1921

TIPOGRAFIA DE «A TRIBUNA»
108, R. Duque de Loulé, 124
PORTO

PQ
9261
N656
1921

ANTONIO NOBRE — 1894

DESTE LIVRO, PUBLICADO
POR AUGUSTO NOBRE,
TIRARAM-SE TRES MIL
∵ ∵ EXEMPLARES ∵ ∵

Direitos reservados

DO MESMO AUCTOR:

DESPEDIDAS, 1902

PRIMEIROS VERSOS, 1921 — edição postuma

MEMORIA
Á MINHA MÃE

AO
MEU PAE

Aquelle que partiu no brigue *Boa Nova*
E na barca *Oliveira*, annos depois, voltou;
Aquelle santo (que é velhinho e já corcova)
Uma vez, uma vez, linda menina amou:

Tempos depois, por uma certa lua-nova,
Nasci eu... O velhinho ainda cá ficou,
Mas ella disse: — "Vou, alli adiante, á *Cova*,
Antonio, e volto já...„ E ainda não voltou!

Antonio é vosso. Tomae lá a vossa obra!
"Só„ é o poeta-nato, *o lua*, o santo, a cobra!
Trouxe-o d'um ventre: não fiz mais do que o escrever...

Lede-o e vereis surgir do poente as idas magoas,
Como quem vê o sol sumir-se, pelas agoas,
E sobe aos alcantis para o tornar a ver!

SÓ

MEMORIA

Ora isto, Senhores, deu-se em Traz-os-Montes,
Em terras de Borba, com torres e pontes.

Portuguez antigo, do tempo da guerra,
Levou-o o Destino p'ra longe da terra.

Passaram os annos, a Borba voltou,
Que linda menina que, um dia, encontrou!

Que linhas fidalgas e que olhos castanhos!
E, um dia, na Igreja correram os banhos.

Mais tarde, debaixo d'um signo mofino,
Pela lua-nova, nasceu um menino.

Oh mães dos Poetas! sorrindo em seu quarto,
Que são virgens antes e depois do parto!

N'um berço de prata, dormia deitado,
Trez moiras vieram dizer-lhe o seu fado

(E abria o menino seus olhos tão doces):
«Serás um Principe! mas antes... não fosses.»

Succede, no entanto, que o Outomno veio
E, um dia, ella rezolve ir dar um passeio.

Calçou as sandalias, toucou-se de flores,
Vestiu-se de Nossa Senhora das Dores:

«Vou alli adiante, á *Cova*, em berlinda,
Antonio, e já volto...„ E não voltou ainda!

Vae o Espozo, vendo que ella não voltava,
Vae lá ter com ella, por lá se quedava.

Oh homem egregio! de estirpe divina,
De alma de bronze e coração de menina!

Em vão corri mundos, não vos encontrei
Por valles que fôra, por elles voltei.

E assim se criou um anjo, o Diabo, o *lua:*
Ai corre o seu fado! a culpa não é sua!

Sempre é agradavel ter um filho Virgilio,
Ouvi estes carmes que eu compuz no exilio,

Ouvi-os vós todos, meus bons Portuguezes!
Pelo cair das folhas, o melhor dos mezes,

Mas, tende cautella, não vos faça mal...
Que é o livro mais triste que ha em Portugal!

Antonio

Que noite de inverno! Que frio, que frio!
Gelou meu carvão:
Mas boto-o á lareira, tal qual pelo estio,
Faz sol de verão!

Nasci, n'um Reino d'Oiro e amores,
Á beira-mar.

Ó velha Carlota! tivesse-te ao lado,
Contavas-me historias:
Assim... desenterro, do Val do Passado,
As minhas Memorias.

Sou neto de Navegadores,
Heroes, Lobos d'agoa, Senhores
Da India, d'Aquém e d'Além-mar!

Moreno coveiro, tocando viola,
A rir e a cantar!
Empresta, bom homem, a tua sachola,
Eu quero cavar:

E o Vento mia! e o Vento mia!
Que irá no Mar!

Erguei-vos, defuntas! da tumba que alveja
Qual Lua, a distancia!
Vizões enterradas no adro da Igreja
Branquinha, da Infancia.

Que noite! ó minha irmã Maria
Accende um cyrio á Virgem Pia,
Pelos que andam no alto Mar...

Lá vem a Carlota que embala uma aurora
Nos braços, e diz:
"Meu lindo Menino, que Nossa Senhora
O faça feliz!"

Ao Mundo vim, em terça-feira
Um sino ouvia-se dobrar!

E Antonio crescendo, sãosinho e perfeito,
Feliz que vivia!
(E a Dôr, que morava com elle no peito,
Com elle crescia...)

Vim a subir pela ladeira
E, n'uma certa terça-feira,
Estive já p'ra me matar...

Mas foi a uma festa, vestido de anjinho,
Que fado cruel!
E a Antonio calhou-lhe levar, coitadinho!
A *Esponja do Fel*...

Ides gelar, agoa das fontes
Ides gelar!

A tia Delphina, velhinha tão pura,
Dormia a meu lado
E sempre rezava por minha ventura...
E sou desgraçado!

Agoas do rio! agoas dos montes!
Cantigas d'agoa pelos montes,
Que sois como amas a cantar...

E eu ia ás novenas, em tardes de Maio,
Pedir ao Senhor:
E, ouvindo esses cantos, tremia em desmaio,
Mudava de cor!

Passam na rua os estudantes
A vadrulhar...

E a Mãe-Madrinha, do tempo da guerra
A mail-os Francezes,
Quando ia ao confesso, á ermida da serra,
Levava-me, ás vezes.

Assim como elles era eu d'antes!
Meus camaradas! estudantes!
Deixae o Poeta trabalhar.

Santinho como ia, santinho voltava:
Peccados? Nem um!
E a instancias do padre dizia (e chorava):
"Não tenho nenhum..."

O' Job, coberto de gangrenas,
Meu avatar!

A's noites, rezava (e rezo ainda agora)
Ao pé da lareira.
(A chuva gemente caia lá fóra,
Fervia a chaleira...)

Conservo as mesmas tuas penas,
Mais tuas chagas e gangrenas,
Que não me farto de coçar!

—Que Deus se amercie das almas do Inferno!
—Amen! Oxalá...
E o moço rosnava, tranzido de inverno:
—Que bom lá está!

E a neve cae, como farinha,
Lá d'esse moinho a moer, no Ar;

O sino da Igreja tocava, á tardinha:
Que tristes seus dobres!
Era a hora em que eu ia provar, á cozinha,
O caldo dos Pobres...

O' bom Moleiro, cautellinha!
Não desperdices a farinha
Que tanto custa a germinar...

O' velhas criadas! na roca fiando,
Nos lentos serões:
Corujas piando, *Farrusca* ladrando
Com medo aos ladrões!

Andaes, á neve, sem sapatos,
Vós que não tendes que calçar!

O Zé do Telhado morára, alli perto:
A triste Viuva
A nossa caza ia pedir, era certo,
Em noites de chuva...

Corpos ao léu, vesti meus fatos!
Pés nus! levae esses sapatos ..
Basta-me um par.

Ó feira das uvas! em tardes de calma...
(O tempo voou!)
Pediam-me os Pobres "esmola pela alma
Que Deus lhe levou!"

Quando eu morrer, hirto de magoa,
Deitem-me ao Mar!

E havia-os com gotta, e havia-os herpeticos,
Mostrando a gangrena!
E mais, e ceguinhos, mas era dos ethicos
Que eu tinha mais pena...

Irei indo de fragoa em fragoa,
Até que, emfim, desfeito em agoa,
Hei-de fazer parte do Mar!

Chegou uma carta tarjada: a estampilha
Bastou-me enxergar...
Coitados d'aquelles que perdem a filha,
Sobre agoas do Mar!

No Panthéon, tragico, o sino
Dá meia-noite, devagar:

Ó tardes de outomno, com fontes carpindo
Entre herva sedenta!
Os cravos a abrirem, a Lua aspergindo
Luar, agoa-benta...

E' o Victor, outra vez menino,
A compor um alexandrino,
Pelos seus dedos a contar!

Ao dar meia-noite no *cuco* da sala,
Batiam: « Truz! truz! »
E o Avô que dormia, quietinho na valla,
Entrava, Jezus!

Que olhos tristes tem meu vizinho!
Vê-me comer e põe-se a ougar:

Nas sachas de Junho, ninguem se batia
Com nosso cazeiro:
Que espanto, pudera! se da freguezia
Elle era o coveiro...

Sobe ao meu quarto, bom velhinho!
Que eu dou-te um copo d'este vinho
E metade do meu jantar.

Morria o mais velho dos nossos criados,
Que pena! que dó.
Pedi-lhe, tremendo, fizesse recados
Á alminha da Avó...

Bairro-Latino! dorme um pouco,
Faze, meu Deus, por socegar!

Ó banzas dos rios, gemendo descantes
E fados do Mundo!
Ó agoas fallantes! ó rios andantes,
Com eiras no fundo!

Calla-te, Georges! estás já rouco!
Deixa-me em paz! Calla-te, louco.
O' boulevard!

Trepava ás figueiras cheiinhas de figos
Como astros no Céu:
E em baixo, aparando-os, erguiam mendigos
O roto chapéu...

Boas almas, vinde ao meu seio!
Espiritos errantes no Ar!

Ó Lua encantada no fundo do poço,
Moirinha da Magoa!
O balde descia, chymeras de Moço!
Trazia só agoa...

Sou médio: evoco-os, noite em meio!
Vós não acreditaes, eu sei-o...
Deixal-o não acreditar.

Meus versos primeiros estão no adro, ainda,
Escriptos na cal:
Cantavam Aquella que é a roza mais linda
Que tem Portugal!

Se eu vos podesse dar a vista,
Céguinhos que ides a tactear...

A Lua é ceifeira que, ás noites, ensaia
Bailados na Terra!
Luar é calleiro que, pallido, caia
Ermidas da serra...

Quanto essa sorte me contrista!
Mas ah! mais vale não ter vista
Que um mundo d'estes ter de olhar...

O conde da Lixa sabia o Horacio,
Tin-tin por tin-tin!
E dava-me, á noite, passeiando em palacio,
Licção de latim.

A Morte, agora, é a minha Ama
Que bem que sabe acalentar!

E entrei para a escola, meu Deus! quem me dera
N'essa hora da Vida!
Uzava uma bluza, que linda que era!
E trança comprida...

A' noite, quando estou na cama:
"Nana, nana, que a tua Ama
Vem já, não tarda! foi cavar...„

Os outros rapazes furtavam os ninhos
Com ovos a abrir;
Mas eu mercava-lhes os bons passarinhos,
Deixava-os fugir...

Camões! ó Poeta do Mar-bravo,
Vem-me ajudar ..

Os Prezos, ás grades da triste cadeia,
Olhavam-me em face!
E eu ia á pouzada do guarda da aldeia
Pedir que os soltasse...

Tenho o nome do teu escravo:
Em nome d'elle e do Mar-bravo,
Vem-me ajudar!

E quando um malvado moía a chibata
Um filho, ou assim,
Corria a seus braços, gritando: "Não bata!
Bata antes em mim...„

E o Vento geme! e o Vento geme!
Que irá no Mar!

E quando dobrava na terra algum sino
Por velho, ou donzella,
A meu Pae rogavam "deixasse o Menino
Pegar a uma vela... „

Lobos d'agoa, que ides ao leme
Tende cuidado! a lancha treme.
Orçar! orçar!

Enterros de anjinhos! Oh dores que trazem
Aos tristes cazaes!
Ha doces, ha vinho, senhores que fazem
Saudes aos paes...

Meu velho Cão, meu grande amigo,
Porque me estás assim a olhar!

A Prima doidinha por montes andava,
Á Lua, em vigilia!
Olhae-me, Douctores! ha doidos, ha lava,
Na minha Familia...

Quando eu choro, choras commigo
Meu velho Cão! és meu amigo...
Tu nunca me has-de abandonar.

E os annos correram, e os annos cresceram,
Com elles cresci:
Os sonhos que tinha, meus sonhos... morreram,
Só eu não morri...

Frades do Monte de Crestello!
Abri-me as portas! quero entrar...

Fui vendo que as almas não eram no Mundo
Singellas e francas:
A minha, que o era, ficou n'um segundo
Cheiinha de brancas!

Cortae-me as barbas e o cabello,
Vesti-me esse habito singello...
Deixae-me entrar!

Fiquei pobrezinho, fiquei sem chymeras,
Tal qual Pedro-Sem,
Que teve fragatas, que teve galeras,
Que teve e não tem...

Moço Luziada! criança!
Porque estás triste, a meditar?

Vieram as rugas, nevou-me o cabello
Qual musgo na rocha...
Fiquei para sempre sequinho, amarello,
Que nem uma tocha!

Vês teu paiz sem esperança,
Que todo allue, á semelhança
Dos castellos que ergueste no Ar?

E a velha Carlota, revendo-me agora
Tão pallido, diz:
"Meu pobre Menino! que Nossa Senhora
Fez tão infeliz..."

Paris, 1891.

Luzitania no Bairro-Latino

I

..... Só!
Ai do Luziada, coitado,
Que vem de tão longe, coberto de pó,
Que não ama, nem é amado,
Lugubre Outomno, no mez d'Abril!
Que triste foi o seu fado!
Antes fosse p'ra soldado,
Antes fosse p'r'o Brazil...

Menino e moço, tive uma Torre de leite,
Torre sem par!
Oliveiras que davam azeite,
Searas que davam linho de fiar,
Moinhos de velas, como latinas,
Que São Lourenço fazia andar...
Formozas cabras, ainda pequeninas,
E loiras vaccas de maternas ancas
Que me davam o leite de manhã,
Lindo rebanho de ovelhas brancas;
Meus bibes eram da sua lã.

Antonio era o Pastor d'esse rebanho:
Com ellas ia para os Montes, a pastar.
E tinha pouco mais ou menos seu tamanho,
E o pasto d'ellas era o meu jantar...

E a serra a toalha, o covilhete e a sala.
Passava a noite, passava o dia
N'aquella doce companhia.
Eram minhas Irmãs e todas puras
E só lhes mingoava a falla
Para serem perfeitas criaturas...
E quando na Igreja das *Alvas Saudades*
(Que era da minha Torre a freguezia)
Batiam as *Trindades*,
Com os seus olhos christianissimos olhavam-me,
Eu persignava-me, rezava "*Ave-Maria*...„
E as doces ovelhinhas imitavam-me.

Menino e moço, tive uma Torre de leite,
Torre sem par!
Oliveiras que davam azeite...
Um dia, os castellos cairam do Ar!

As oliveiras seccaram,
Morreram as vaccas, perdi as ovelhas,
Sairam-me os Ladrões, só me deixaram
As velas do moinho... mas rôtas e velhas!

Que triste fado!
Antes fosse aleijadinho,
Antes doido, antes cego...

Ai do Luziada, coitado!

Veio da terra, mail-o seu moinho:
Lá, faziam-no andar as agoas do Mondego,
Hoje, fazem-no andar agoas do Sena...
É negra a sua farinha!
Orae por elle! tende pena!
Pobre Moleiro da Saudade...

Ó minha
Terra encantada, cheia de Sol,
Ó campanarios, ó Luas-Cheias,
Lavadeira que lavas o lençol,
Ermidas, sinos das aldeias,
Ó ceifeira que cegas cantando,
Ó moleiro das estradas,
Carros de bois, chiando...
Flores dos campos, beiços de fadas,
Poentes de Julho, poentes mineraes,
Ó choupos, ó luar, ó regas de verão!

Que é feito de vocês? Onde estaes, onde estaes?

Ó padeirinhas a amassar o pão,
Velhinhas na roca a fiar,
Cabello todo em caracoes!
Pescadores a pescar
Com a linha cheia de anzoes!
Zumbidos das vespas, ferrões das abelhas,
Ó bandeiras! ó Sol! foguetes! ó toirada!
Ó boi negro entre as capas vermelhas!
Ó pregões d'agoa fresca e limonada!
Ó romaria do *Senhor do Viandante!*
Procissões com musica e anjinhos!
Srs. Abbades d'Amarante,
Com trez ninhadas de sobrinhos!

Onde estaes? onde estaes?

Ó minha capa de estudante, ás ventanias!
Cidade triste agazalhada entre choupaes!
Ó dobres dos poentes, ás *Ave-Marias!*
Ó *Cabo do Mundo! Moreira da Maia!*
Estrada de S. Tiago! Sete-Estrello!
Cazas dos pobres que o luar, á noite, caia...

Fortalezas de Lipp! ó fosso do *Castello*,
Amortalhado em perrexil e trepadeiras,
Onde se enroscam como espozos as lagartas!
Sr. Governador a podar as rozeiras!
Ó Bruxa do Padre, que botas as cartas!
Joaquim da Thereza! Francisco da Hora!
Que é feito de vós?
Fallaveis aos barcos que andavam, *lá fora*,
Pelo porta-voz...
Arrabalde! maritimo da França,
Conta-me a historia da *Fermoza Magalona*,
E do *Senhor de Calaïs*,
Mais o naufragio do vapor *Perseverança*,
Cujos cadaveres ainda vejo á tona...
Ó pharolim da *Barra*, lindo, de bandeiras,
Para os vapores a fazer signaes,
Verdes, vermelhas, azues, brancas, extrangeiras,
Diccionário magnifico de Cores!
Alvas espumas, espumando a fragoa,
Ou rebentando, á noite, como flores!
Ondas do Mar! Serras da Estrella d'agoa,
Cheias de brigues como pinhaes...
Morenos mareantes, trigueiros pastores!

Onde estaes, onde estaes?

Convento d'agoas do Mar, ó verde Convento,
Cuja Abbadessa secular é a Lua
E cujo Padre-capellão é o Vento...
Agoa salgada d'esses verdes poços,
Que nenhum balde, por maior, escua!
Ó Mar jazigo de paquetes, de ossos,
Que o Sul, ás vezes, arrola á praia:
Olhos em pedra, que ainda chispam brilhos!
Corpo de virgem, que ainda veste a saia,
Braços de mães, ainda a apertar braços de filhos!

Noiva cadaver ainda com véu...
Ossadas ainda com os mesmos fatos!
Cabeça roxa ainda de chapéu!
Pés de defunto que ainda traz sapatos!
Boquinha linda que já não canta...
Boccas abertas que ainda soltam ais!
Noivos em nupcias, ainda, aos beijos, abraçados!
Corpo intacto, a boiar (talvez alguma Sancta...)
Ó defuntos do Mar! ó roxos arrolados!

Onde estaes, onde estaes?

Ó *Boa-Nova*, ermida á beira-mar,
Unica flôr, n'essa viv'alma de areaes!
Na cal, meu nome ainda lá deve estar,
A chuva, ao Vento, aos vagalhões, aos raios!
Ó altar da *Senhora*, coberto de luzes!
Ó poentes da *Barra*, que fazem desmaios...
Ó *Sant'Anna*, ao luar, cheia de cruzes!
Ó logar de *Roldão!* villa de *Perafita!*
Aldeia de *Gonsalves! Mesticoza!*
Engenheiros, medindo a estrada com a fita...
Agoa fresquinha da *Amoroza!*
Rebolos pela areia! Ó praia da *Memoria!*
Onde o Sr. Dom Pedro, *Rei-Soldado*,
Atracou, diz a Historia,
No dia... não estou lembrado;
Ó capelinha do *Senhor d'Areia*.
Onde o Senhor appareceu a uma velhinha...
Algas! farrapos dos vestidos da Sereia!
Lanchas da Povoa que ides á sardinha,
Poveiros, que ides para as *vinte braças*,
Sol-pôr, entre pinhaes...
Capellas onde o Sol faz mortes, nas vidraças!

Onde estaes?

2

Georges! anda ver meu paiz de Marinheiros,
O meu paiz das Naus, de esquadras e de frotas!

Oh as lanchas dos poveiros
A saírem a barra, entre ondas e gaivotas!
Que extranho é!
Fincam o remo na agoa, até que o remo torça,
Á espera da maré,
Que não tarda ahi, avista-se lá fóra!
E quando a onda vem, fincando-o a toda a força,
Clamam todos á uma: "*Agôra! agôra! agôra!*"
E, a pouco e pouco, as lanchas vão saíndo
(Ás vezes, sabe Deus, para não mais entrar...)
Que vista admiravel! Que lindo! que lindo!
Içam a vela, quando já têm mar:
Dá-lhes o Vento e todas, á porfia,
Lá vão soberbas, sob um céu sem manchas,
Rozario de velas, que o vento desfia,
A rezar, a rezar a *Ladainha das Lanchas:*

Senhora Nagonia!

Olha, acolá!
Que linda vae com seu erro de ortographia...
Quem me dera ir lá!

Senhora Da guarda!

(Ao leme vae o Mestre Zé da Leonor)
Parece uma gaivota: aponta-lhe a espingarda
O caçador!

Senhora d'ajuda!
Ora pro nobis!
Calluda!
Sêmos probes!
Senhor dos ramos!
Istrella do mar!
Cá bamos!

Parecem Nossa Senhora, a andar.

Senhora da Luz!

Parece o Pharol...

Maim de Jesus!

E tal qual ella, se lhe dá o Sol!

Senhor dos Passos!
Sinhora da Ora!

Aguias a voar, pelo mar dentro dos espaços
Parecem ermidas caiadas por fóra...

Senhor dos Navegantes!
Senhor de Matuzinhos!

Os mestres ainda são os mesmos d'antes:
Lá vae o Bernardo da Silva do Mar,
A mail-os quatro filhinhos,
Vascos da Gama, que andam a ensaiar...

Senhora dos aflitos!
Martyr São Sebastião!
Ouvi os nossos gritos!
Deus nos leve pela mão!
Bamos em paz!

Ó lanchas, Deus vos leve pela mão!
Ide em paz!

Ainda lá vejo o Zé da Clara, os Remelgados,
O Jéques, o Pardal, na *Nam te perdes*,
E das vagas, aos rythmos cadenciados,
As lanchas vão traçando, á flôr das agoas verdes
"As armas e os barões assignalados...„

Lá sae a derradeira!
Ainda agarra as que vão na dianteira...
Como ella corre! com que força o Vento a impelle:

Bamos com Deus!

Lanchas, ide com Deus! ide e voltae com elle
Por esse mar de Christo...

Adeus! adeus! adeus!

3

Georges! anda ver meu paiz de romarias
E procissões!
Olha essas moças, olha estas Marias!
Caramba! dá-lhes beliscões!
Os corpos d'ellas, vê! são ourivezarias,
Gula e luxuria dos Maneis!
Têm nas orelhas grossas arrecadas,
Nas mãos (com luvas) *trinta moedas*, em anneis,
Ao pescoço serpentes de cordões,
E sobre os seios entre cruzes, como espadas,
Além dos seus, mais trinta *corações!*
Vá! Georges, faze-te Manel! viola ao peito,
Toca a bailar!
Dá-lhes beijos, aperta-as contra o peito,
Que hão de gostar!
Tira o chapéu, silencio!

Passa a procissão.

Estralejam foguetes e morteiros.
Lá vem o Pallio e pegam ao cordão
Honestos e morenos cavalheiros.
Altos, tão altos e enfeitados, os andores,
Parecem *Torres de David*, na amplidão!
Que linda e aceiada vem a Senhora das Dores!
Olha o Mordomo, á frente, o Sr. Conde.
Contempla! Que tristes os Nossos Senhores,
Olhos leaes fitos no vago... não sei onde!
Os anjinhos!
Vêm a suar:
Infantes de trez annos, coitadinhos!

Mãos inviziveis levam-nos de rastros
Que elles mal sabem andar.
Esta que passa é a *Noite* cheia de astros!
(Assim estava, em *certo dia*, na Judeia)
Aquelle é o *Sol!* (Que bom o Sol de olhos pintados!)
E aquella outra é a *Lua-Cheia!*
Seus doces olhos fazem luar...
Essa, acolá, leva na mão os *Dados*,
Mas perde tudo se vae jogar.
E esta que passa, toda de arminhos,
(Vê! d'entre o povo em extazi, olha-a a Mãe)
Leva, sorrindo, a *Coroa dos Espinhos*,
Criança em flôr que ainda os não tem.
E que bonita vae a *Esponja de Fel!*
Mal ella sabe, a innocentinha,
Nas suas mãos, a *Esponja* deita mel:
Abelhas d'oiro tomam-lhe a dianteira.
Lá vem a *Lança!* A bainha
Traz ainda o sangue da *Sexta-feira*...
Passa o ultimo, o *Sudario!*
O corpo de Jezus, Nosso Senhor...
Oh que vermelho extraordinário!
Parece o Sol-pôr...
Que pena faz vel-o passar em Portugal!
Ai que feridas! e não cheiram mal...

E a procissão passa. Preamar de povo!
Maré cheia do Oceano Atlantico!
O bom povinho de fato novo,
Nas violas de arame soluça, romantico,
Fadinhos chorozos da su'alma beata.

Trazem imagens da Funcção nos seus chapéus.

Poeira opaca. Abafa-se. E, no Céu ferro-e-oiro,
O Sol em gloria brilha olympico, e de prata,
Como a velha cabeça aureolada de Deus!

Trombetas clamam. Vae correr-se o toiro.
Passam as chocas, boas mães! passam capinhas.

Pregões. *Laranjas! Ricas cavaquinhas!*
Pão de ló de Margaride!
Agoinha fresca da Moirama!
Vinho verde a escorrer da vide!

Á porta d'um cazal, um tysico na cama,
Olha tudo isto com seus olhos de Outro-mundo,
E uma netinha com um ramo de loireiro
Enxota as moscas, do moribundo.

Dança de roda mail-as moças o coveiro.

Clama um ceguinho;
"Não ha maior desgraça n'esta vida,
Que ser ceguinho!„
Outro moreno, mostra uma perna partida!
Mas fede tanto, coitadinho...
Este, sem braços, diz "que os deixou na pedreira...„
E esse, acolá, todo o corpinho n'uma chaga,
Labareda de cancros em fogueira,
Que o Sol atiça e que a gangrena apaga,
Ó Georges, vê! que excepcional cravina...

Que lindos cravos para pôr na botoeira!

Tysicos! Doidos! Nus! Velhos a ler a sina!
Etnas de carne! Jobs! Flores! Lazaros! Christos!
Martyres! Cães! Dhalias de puz! Olhos-fechados!
Rheumaticos! Anões! Deliriums-tremens! Kistos!
Monstros, phenomenos, afflictos, aleijados,
Talvez lá dentro com perfeitos corações:
Todos, á uma, mugem roucas ladainhas,
Tragicos, uivam "uma esmola p'las alminhas
Das suas obrigações!„

Pelo nariz corre-lhes puz, gangrena, ranho!
E, coitadinhos! fedem tanto: é de arrazar...

Qu'é dos Pintores do meu paiz extranho,
Onde estão elles que não vêm pintar?

Paris, 1891-1892.

Purinha

O Espirito, a Nuvem, a Sombra, a Chymera,
Que (aonde ainda não sei) n'este Mundo me espera;
Aquella que, um dia, mais leve que a bruma,
Toda cheia de véus, como uma Espuma,
O Sr. Padre me dará p'ra mim
E a seus pés me dirá, toda corada: *Sim!*
Ha-de ser alta como a *Torre de David*,
Magrinha como um choupo onde se enlaça a vide
E seu cabello em cachos, cachos d'uvas,
E negro como a capa das viuvas...
(Á maneira o trará das virgens de Belem
Que a Nossa Senhora ficava tão bem!)
E será uma espada a sua mão,
E branca como a neve do Marão,
E seus dedos serão como punhaes,
Fuzos de prata onde fiarei meus ais!
E os seus seios serão como dois ninhos,
E os seus sonhos serão os passarinhos,
E será sua bocca uma romã,
Seus olhos duas Estrellinhas da manhã!
Seu corpo ligeiro, tão leve, tão leve,
Como um sonho, como a neve,
Que hei-de suppôr estar a ver, ao vel-a,
Cabrinhas montezas da Serra da Estrella...
E ha-de ser natural como as hervas dos montes
E as rolas das serras e as agoas das fontes,
E ha-de ser boa, excepcional, quazi divina,
Mais pura, mais simples, que moça e menina.
Deus, pela voz dos rouxinoes ha-de gabal-a
E os Rios ao passar hão-de cantal-a.

Seu virgem coração ha-de ser tão branquinho,
Que não ha n'este Mundo a que egualal-o: o linho
Que, em roca de crystal, fiava a minha Avó
Parecerá de crepe, e a neve... far-me-á dó,
Mais a farinha do moleiro e a violeta,
E a Lua para mim será como uma Preta!

Mas em que Patria, em que Nação é que me espera
Esta Torre, esta Lua, esta Chymera?
Fui ter com minha Fada e disse-lhe: "Madrinha!
Onde haverá na terra assim uma Rainha?„
E a minha Fada, com sua vara de encantar,
Um reino me apontou, lá baixo, ao pé do mar...

Meninas, lindas meninas!
Qual de vós é o meu Ideal?
Meninas, lindas meninas
Do Reyno de Portugal!

E no dia do meu recebimento!
Manhã cedo, com luar ainda no Firmamento,
Quando ainda no Céu não bole uma Aza,
A minha Noiva sairá de caza
Mail-a sua Mãe, mail-os seus Irmãos.
E ha-de sorrir, e hão-de tremer-lhe as mãos...
E a sua Ama ha-de seguil-a até á porta,
E ficará, coitada! como morta!
E ha-de ser triste vel-a, ao longe, ainda... olhando,
Com o avental seus olhos enxugando...
E hão-de cercal-a sete Madrinhas,
Que hão-de ser sete virgens pobrezinhas,
Todas contentes por estreiar vestido novo!
E, ao vel-as, suas mães sorrirão d'entre o Povo...
E o povo da freguezia
Esperará mais eu, no adro de *Sancta Iria.*
E hão-de mirar-me com seu ar curiozo,
E hão-de cercar-me, n'um silencio respeitozo,
E eu hei-de lhes fallar das colheitas, da chuva,
E dir-me-ão "que já vae pintando a uva

E animados então (o Povo é uma criança!)
Porque o Sr. Douctor lhes deu confiança,
"Que Deus o ajude„ dirá um, e o Regedor:
"Vá c'o a Graça de Nosso-Senhor!„
E eu hei-de agradecer, sorrir, gostar.
Mas o Anjo, no entanto, não deve tardar...
E d'entre o grupo exclamará um Velho então:
"Já nasce o dia!„ eu olharei... mas não:
É a minha Noiva que parece dia,
Luzente como a cal de *Sancta Iria!*
E ao vel-a tão branca, de branco vestida,
Ao longe, ao longe, hei-de cuidar ver uma Ermida!
E dirá o Pastor, com espanto tamanho,
Que é uma Ovelha que fugiu do seu rebanho!
E o João Maluco dirá que é o Luar de Janeiro!
E o Pescador explicará ao bom Moleiro
Que é tal qualzinha a sua Lancha pelo Mar!
E o Moleiro dirá que é o seu Moinho a andar!
Que assim já foram as velhinhas scismarão,
E as netas, coitadas! que, um dia, o serão...
Mas o Anjo assomará, á porta da capella,
E eu branco e tremulo hei-de ir ter com ella.
E a Estrella deitar-me-á a benção dos seus olhos
E uma aldeã deitar-lhe-á violetas, aos molhos!
E a Bem-Amada entrar na igreja ha-de...
E ha-de cazar-nos o Sr. Abbade.
E, em seguida, será a nossa boda,
E festas haverá, na aldeia toda.
E as mais raparigas do sitio, solteiras,
Hão-de bailar bailados sobre as eiras,
Com *trinta moedas* de oiro sobre o peito!
E cantigas dirão a seu respeito.
E a Noiva em gloria, prepassando nas janellas,
Sorrirá com simplicidade para ellas.
E a noite, pouco e pouco, descerá...
E tudo acabará.

E depois e depois, o Anjo ha-de se ir deitar,
E a sua Mãe ha-de a abraçar... E hão-de chorar!
E a sua alcova deitará sobre o jardim,
Onde uma fonte correrá, entre alecrim:
E, ao ouvil-a cantar, deitadinha na cama,
O Anjo adormecerá, cuidado que é a sua Ama...
Mas qual a villa, qual a aldeia, qual a serra
Que este Palacio de Ventura encerra?
Fui ter com minha Fada e disse-lhe: "Madrinha!
Accaso nunca te mentiu tua varinha?„
E a minha Fada com sua vara de condão
Nos ares escreveu com tres estrellas: "Não!„

Meninas, lindas meninas!
Qual de vós é o meu Ideal?
Meninas! lindas meninas
Do Reyno de Portugal!

O nosso Lar!
Minha Madrinha, ajuda-me a sonhar!
Que a nossa caza se erga d'entre uma eminencia,
Que seja tal qual uma rezidencia,
Alegre, branca, rustica, por fóra.
Que digam: "É o Sr. Abbade que alli móra.„
Mas no interior ella ha-de ser sombria,
Como eu com esta melancholia:
E salas escuras, chorando saudades...
E velhos os moveis, de antigas idades...
(E, assim, me illuda e, assim, cuide viver
N'outro seculo em que eu deveria nascer.)
E nas paredes telas de Parentes...
E janellas abertas sobre os poentes...
(E a Chymera lerá o seu livro de rezas...)
E cravos vermelhos por cima das mezas...
E o relogio dará as horas devagar,
Como as palpitações de quem se vae finar...
E, o dia todo, n'este claustro e solidão,
Passarei a esquecer, ao canto do fogão;

E a scismar e a scismar sem que me veja alguem
Na Dôr, na Vida, em Deus, nos mysterios do *Além?*
E eu o Astrologo, o Bruxo, o Afflito, o Médio,
Rogarei aos Espiritos remedio
E um bom Espirito virá tratar do Doente
E ha-de fugir com susto a outra gente.
E a Noite descerá, pouco e pouco, no entanto,
E a Noite embrulhará o Afflito no seu manto!
Mas a Purinha, então vindo da rua,
Toda de branco surgirá, como uma Lua!
E, ao vel-a, acordarei, meu Deus de França!
E pela mão me levará, como uma criança.
E eu pallido! e eu tremendo! e o Anjo pelo caminho,
"Não te afflijas...„ dirá, baixinho...
E, assim, será piedoza para os mais:
E ha-de entrar na mizeria dos cazaes,
Nos montes mais altos, nos sitios mais ermos,
E será a Saude dos Enfermos!
E, quando pela estrada encontrar um velhinho
Todo suado, carregadinho,
(Louvado seja Nosso Senhor!)
Ha-de tirar seu lenço e ir enxugar-lhe o suor!
E ás aves, em prisão, abrirá as gaiolas.
E aos sabbados, o dia das esmolas,
A Sancta descerá ao patamar da escada,
(Envolta, sem saber, n'uma capa estrellada)
Esmolas, distribuindo a este e áquelle! e aos ceguinhos
E mais aos aleijadinhos,
Mais aos que deitam sangue pela boca,
Mais aos que vêm cantar, n'uma rabeca rouca,
Amores, Naufragios e *A Nau Cathrineta,*
Mais aos Afflictos que andam no Planeta,
Mais ás viuvas dos Degredados...
E tudo seja pelos meus peccados!
E ha-de cozer (serão os remendos de flores)
As velas rôtas dos pescadores

E a luz do seu olhar benzerá essas velas
E nunca mais hão-de rasgar-lh'as as procellas!
E accenderá os cyrios ao Senhor,
(Que sejam como ella no talhe e na côr)
Quando houver temporal... e eu virei p'r'a saccada
Ver os relampagos, ouvir a trovoada!
E n'isto só rezumir-se-á a sua vida:
Vestir os Nus, aos Pobres dar guarida,
Fallar á alma que na angustia se consome,
Dar de comer a quem tem fome,
Dar de beber a quem tem sede...
E, lá, do Alto, Jezus dirá aos Homens: "Vede...„
E eu hei-de em minhas obras imital-a
E amal-a como á Virgem e adoral-a.
E a Virgem ha-de encher com a mesma paixão
As marés-vazas d'este pobre coração
Que tanto teve e que hoje nada tem,
Nem mesmo aquillo que vós tendes, Mãe.
E será a Mamã que me ha-de vir criar,
Admiravel Joanninha d'Arc,
Meu novo berço d'uma Vida nova!
E ha-de ir commigo para a mesma cova,
Pois que no dia em que eu morrer
Veneno tomará, n'uma colher...
Mas em que sitio, aonde? aonde? é que se esconde
Esta Bandeira, esta India, este Castello, aonde? aonde?
Fui ter com minha Fada, e disse-lhe: "Madrinha!
Mas pode haver, assim, na terra uma Purinha?„
E a minha Fada com sua vara de marfim
Nos ares escreveu com tres estrellas! Sim!„

Meninas, lindas meninas!
Qual de vós é o meu Ideal?
Meninas, lindas meninas
Do Reyno de Portugal!

Paris, 1891.

Canção da Felicidade

IDEAL D'UM PARISIENSE

Felicidade! Felicidade!
Ai quem ma dera na minha mão!
Não passar nunca da mesma idade,
Dos 25, do quarteirão.

Morar, mui simples, n'alguma caza
Toda caiada, defronte o Mar;
No lume, ao menos, ter uma braza
E uma sardinha p'ra n'ella assar...

Não ter fortuna, não ter dinheiro,
Papeis no Banco, nada a render:
Guardar, podendo, n'um mialheiro
Economias p'r'o que vier.

Ir, pelas tardes, até á fonte
Ver as pequenas a encher e a rir,
E ver entre ellas o Zé da Ponte
Um pouco torto, quazi a cair.

Não ter chymeras, não ter cuidados
E contentar-se com o que é seu,
Não ter torturas, não ter peccados
Que, em se morrendo, vai-se p'r'o Céu!

Não ter talento; sufficiente
Para na Vida saber andar,
E quanto a estudos saber sómente
(Mas ai sómente!) ler e contar.

Mulher e filhos! A Mulherzinha
Tão loira e alegre, Jezus! Jezus!
E, em nove mezes, vel-a choquinha
Como uma pomba, dar outra á luz.

Oh! grande vida, valha a verdade!
Oh! grande vida, mas que illuzão!
Felicidade! Felicidade!
Ai quem ma dera na minha mão!

Paris, 1893.

Para as Raparigas de Coimbra

1

Tristezas têm-nas os montes
Tristezas têm-nas o Céu,
Tristezas têm-nas as fontes,
Tristezas tenho-as eu!

2

O choupo magro e velhinho,
Corcundinha, todo aos nós,
És tal qual meu Avôzinho:
Falta-te apenas a voz.

3

Minha capa vos acoite
Que é p'ra vos agazalhar:
Se por fóra é côr da noite,
Por dentro é côr do luar...

4

Ó sinos de *Santa Clara*,
Por quem dobraes, quem morreu?
Ah, foi-se a mais linda cara
Que houve debaixo do Céu!

5

A sereia é muito arisca,
Pescador, que estás ao Sol:
Não cae, tolinho, a essa isca...
Só pondo uma flôr no anzol!

6

A Lua é a hostia branquinha,
Onde está Nosso Senhor:
É d'uma certa farinha
Que não apanha bolor.

7

Vou a encher a bilha e trago-a
Vazia como a levei!
Mondego, qu'é da tua agoa,
Qu'é dos prantos que eu chorei?

8

No inverno não tens fadigas,
E tens agora para leões!
Mondego das raparigas,
Estudantes e violões!

9

—É só porque o mundo zomba
Que pões luto? Importa lá!
Antes te vistas de pomba...
—Pombas pretas tambem ha!

10

Therezinhas! Ursulinas!
Tardes de novena, adeus!
Os corações ás batinas
Que diriam? sabe-o Deus...

11

Ó bôca dos meus dezejos,
Onde o padre não poz sal,
São morangos os teus beijos,
Melhores que os do Choupal!

12

Manoel no *Pio* repoiza.
Todas as tardes, lá vou
Ver se quer alguma coiza,
Perguntar como passou.

13

Agora, são tudo amores
A roda de mim, no *Caes*,
E, mal se apanham douctores,
Partem e não voltam mais...

14

Aos olhos da minha fronte
Vinde os cantaros encher:
Não ha, assim, segunda fonte
Com duas bicas a correr.

15

Os teus peitos são dois ninhos
Muito brancos, muito novos,
Meus beijos os passarinhos
Mortinhos por pôrem ovos.

16

Nossa Senhora faz meia
Com linha branca de luz:
O novello é a Lua-Cheia,
As meias são pr'a Jezus.

17

Meu violão é um cortiço,
Tem por abelhas os sons,
Que fabricam, valha-me isso,
Fadinhos de mel, tão bons.

18

Ó Fogueiras, ó cantigas,
Saudades! recordações!
Bailae, bailae, raparigas!
Batei, batei corações!

Coimbra, 1890.

Carta a Manoel

Manoel, tens razão. Venho tarde. Desculpa.
Mas não foi Anto, não fui eu quem teve a culpa,
Foi Coimbra. Foi esta payzagem triste, triste,
A cuja influencia a minha alma não reziste.
Queres noticias? Queres que os meus nervos fallem?
Vá! dize aos choupos do Mondego que se callem
E pede ao Vento que não uive e gema tanto:
Que, emfim, se soffre, abafe as torturas em pranto,
Mas que me deixe em paz! Ah tu não imaginas
Quanto isto me faz mal! Peor que as sabbatinas
Dos *ursos* na aula, peor que beatas correrias
De velhas magras, galopando *Ave-Marias*,
Peor que um diamante a riscar na vidraça,
Peor eu sei lá, Manoel, peor que uma desgraça!
Hysterisa-me o Vento, absorve-me a alma toda,
Tal a menina pelas vesperas da boda,
Atarefada mail-a ama, a arrumar...
O Vento afoga o meu espirito n'um mar
Verde, azul, branco, negro, cujos vagalhões
São todos feitos de luar, recordações.
Á noite, quando estou, aqui, na minha toca,
O grande evocador do Vento evoca, evoca
O meu doido verão, este anno passado,
(E a um canto bate, alli, cardiaco, apressado,
O *tic-tac* do relogio do fogão...)
Bons tempos, Manoel, esses que já lá vão!
Isto, tu sabes? faz vontade de chorar.
E, pela noite em claro, eu fico-me a scismar,
Triste, ao clarão da lamparina que desmaia,
Na existencia que tive este verão na praia,

Quando, mal na amplidão, vinha arraiando a aurora,
Ia por esse mar de Jezus-Christo fóra,
No barco á vela do moreno Gabriel!
Vejo passar de negro, envoltas em burel,
Quantos sonhos, meu Deus! quantas recordações!
Phantasmas do Passado, ophelicas vizões,
Que, embora estejam lá, no seu paiz distante,
Oiço-as fallar na minha alcova de estudante.

Minhas vizões! entrae, entrae, não tenhaes medo!
Ó *Rio Doce!* tunel d'agoa e de arvoredo!
Por onde Anto vogava em wagon d'um bote...
E, ao Sol do meio dia, os banhos em pelote
Quando iamos nadar, á *Ponte de Tavares!*
Tudo se foi! Espuma em flocos pelos ares!
Tudo se foi...

Hoje, mais nada tenho que esta
Vida claustral, bacharelatica, funesta,
N'uma cidade assim, cheirando essa indecente,
Por toda a parte, desde a Alta á Baixa, a lente!
E ao pôr-do-Sol no *Caes*, contemplando o Mondego,
Honestos bachareis são postos em socego
E mal a *cabra* bala aos Ventos os seus ais,
"Speech„ de quarto d'hora em palavras eguaes,
Os tristes bachareis recolhem ás herdades,
Como na sua aldeia, ao baterem Trindades.
Bem me dizias tu, como que adivinhando
O que isto para mim seria, Manoel, quando
O anno passado, vim contra tua vontade
Matricular-me, ahi, n'essa Universidade:
"Anto não vás...„ dizias tu. Eu, fraco, vim.
Mas certamente, é natural, não chego ao fim.
Ah quanto fôra bem melhor a formatura,
Na Escola-Livre da Natureza, Mãe pura!
Que optimas prelecções as prelecções modernas,
Cheias de observação e verdades eternas,

Que faz diariamente o Proff. Oceano!
Já tinha dado todo o *Coração Humano*,
Manoel, faltava um anno só para acabar
Meu curso de Psychologia com o Mar.
Porque troquei pela Coimbra de avelã
Essa Escola sem par, cujo Reitor é Pan?
Talvez... preguiça, eu sei... A *cabra* é a cotovia:
As aulas, lá, começam, mal aponta o dia!

Que tedio o meu, Manoel! Antes de vir, gostava.

Era a distancia, o *além*, que me impressionava:
Tinha o mysterio do Sol-pôr, d'uma esperança.
Mas, mal cheguei (que espanto! eu era uma criança)
Tudo rolou no solo! A *Tasca das Camellas*
Para mim era um sonho, o Céu cheio de estrellas:
Nossa Senhora a dar de ceiar aos estudantes
Por *6 e 51* Mas ah! foi-se a Virgem d'antes
Tia Camella... só ficou a camelice.

Comtudo, em meio d'esta futil coimbrice,
Que lindas coisas a lendaria Coimbra encerra!
Que payzagem lunar que é a mais doce da Terra!
Que extraordinarias e medievas raparigas!
E o rio? e as fontes? e as fogueiras? e as cantigas?
As cantigas! Que encanto! Uma diz-te respeito,
Manoel, é um sonho, é um beijo, é um amor-perfeito
Onde o luar gelou: "Manoel! tão lindas moças!
Manoel! tão lindas são..."
Que pena que não ouças!

O que, ainda mais, n'esta Coimbra de salgueiros
Me vale, são os meus alegres companheiros
De caza. Ao pé d'elles é sempre meio-dia:
Para isso basta entrar o Mario da Anadia.
Até a Morte é branca e a Tristeza vermelha
E riem-se os rasgões d'esta batina velha!

Conheces o Fernando? a Graça que elle tem!
Dá ainda uns ares de Fr. Gil de Santarem...
Pallido e loiro, em si toda uma Hollanda canta
Com algum Portugal... E o doce Misco? Sancta
Thereza de Jezus vestida de rapaz...
Porque não vens, Manoel, ungir-te d'esta Paz?

Vem a Coimbra. Has-de gostar, sim, meu Amigo.
Vamos! Dá-me o teu braço e vem d'ahi commigo:
Olha... São os *Geraes*, no intervallo das aulas.
Bateu o quarto. Vê! Vêm saindo das jaulas
Os estudantes, sob o olhar pardo dos lentes.
Ao vel-os, quem dirá que são os descendentes
Dos Navegantes do seculo XVI?
Curvam a espinha, como os aulicos aos Reis!
E magros! tristes! de cabeça derreiada!
Ah! como hão-de, amanhã, pegar em uma espada!
— E os Doutores? — Ahi, os tens, graves, á porta.
Porque te ris? Olhal-os tanto... Que te importa?
Ha duas excepções: o mais, são todos um.
Quaresma d'Alma, sexta-feira de jejum...
Não quero entanto, meu Manoel, que vás embora
Sem vêr aquelle amor que a minha alma adora:
Olha, acolá. Gigante, altivo como um cedro,
Olhando para mim com ternura: é o meu Pedro
Penedo!
Ó Pedro da minh'alma! meu Amigo!
Que feliz sou, bom velho, em estudar comtigo!
Mal diria eu em pequenito, quando a ama
Para eu me callar, vinha fazer-me susto á cama,
Por ti chamava: Pedro! e eu socegava logo,
Que eras tu o *Papão!* A ama, de olhos em fogo,
Imitava-te o andar, que não era bem de homem...
Eu tinha birras? — Ahi vem o Lobishomem!
Dizia ella. — Bate á porta! Truz! truz! truz!
E tu entravas, Pedro, eu via! Horror! Jezus!

Meu velho Pedro! meu phantasma de criança!
Quero-te bem, tanto que tenho na lembrança,
Quando morreres, Pedro! (o Pedro nunca morre)
Hei-de pegar em ti, encher de alcool a Torre
Com todo o meu esmero e... zás! metter-te dentro!
Pedro! assim ficas enfrascado, ao alto e ao centro,
E eternamente, para espanto dos vindoiros:
No rotulo porei: *Alli-Bed, Rey dos Moiros.*

Mas... toca a recolher. Dou uma falta: embora!
Saiamos...
Manoel, vamos por ahi fóra
Lavar a alma, furtar beijos, colher flores,
Por esses doces, religiozos arredores,
Que vistos uma vez, ah! não se esquecem mais:
Torres, Condeixa, Santo Antonio de Olivaes,
Lorvão, Sernache, Nazareth, Tentugal, Cellas!
Sitios sem par! Onde ha payzagens como aquellas?
Sanctos Logares, onde jaz meu coração,
Cada um é para mim uma recordação...

Condeixa?

Vamos ao arraial que, alli, ha.
— Sol, poeira, tanta gente! — É o mesmo, vamos lá!

Olha! Estudantes, dando o braço ás raparigas,
Caras de leite, olhos de luar, tranças d'estrigas;
Arrancam-lhes do seio arfando, as violetas,
Aos hombros d'ellas põem suas capas pretas:
Que deliciozos estudantes que ellas ficam!
Velhos aldeões que tudo vêm, mas não implicam,
Porque, em summa, que mal pode fazer um beijo?
Vêm até nós, sorrindo, aproveitando o ensejo,
Com o chapéu na mão, simples e bons e honrados;
Vêm consultar-nos, porque "somos advogados
E sabemos das leis...„ O que devem fazer
Ahi n'uma questão, n'uma questão qualquer

De agoas com um vizinho: é tal a cheia d'ellas
Que estraga as plantações! — Que hão-de fazer? Bebel-as!
E vão-se, assim, jurando aviar nossos conselhos...
Ai de vós! ai das vossas agoas, pobres velhos!

Tentugal?

Que manhã! E não quereres vir...
Pega nas luvas, no chapéu. Vamos partir.
É logo alli: quinze kilometros, é perto.
Espera-nos o Toy, extazia-se o Alberto,
Pela janella d'esse Mundo amplo e rasgado!
Que bello dia! ó Sol, obrigado, obrigado!
Payzagem outomnal, alegra-te tambem!
Hoje, não quero ver ninguem triste, ninguem!
Outomno, vá! melancholia, faze tregoas!
Peço paz, rendo-me! Haja paz, n'estas trez leguas!
Choupos, então? Que é isso? erguei a fronte, vamos?
O verdilhões, ide cantar-lhes sobre os ramos!
Aves por folhas! Animae-os! animae-os!
Applica-lhes, ó Sol! uma ducha de raios!
Almas tristes e sós (não é mais triste a minha)
Aqui estaes, meu Deus! desde a aurora á tardinha.
O Vento leva-vos a folha, a pelle; o Vento
Leva-vos o orvalho, a agoa, o prezigo, o sustento!
E dobra-vos ao chão, faz-vos tossir, coitados!
Estaes aqui, estaes promptos, amortalhados.
Fazeis lembrar-me, assim, postos n'estes logares,
Uma colonia de phtysicos, a ares...
Não vos verei, talvez, quando voltar; comtudo
Ver-vos-ei, *lá*, um dia, onde se encontra tudo:
A alma dos choupos, como a do Homem, sobe aos Céus...
Ó choupos, até lá... Adeus! adeus! adeus!

Foi-se a payzagem triste: agora, são collinas;
Vê-se currais, eiras, crianças pequeninas,
Bois a pastar ao longe, aves dizendo missa
Á Natureza e o Sol a semear Justiça!

Vão pela estrada aleijadinhos de moletas;
Atiro-lhes vintens: vêm pegar-lhes as netas.
Mas o trem vôa á desfilada... — Olá! arreda!
(Ia-o apanhando: foi por um fio de seda...)
E assim n'este galope, a charrette rodando,
Já de Tentugal se vae quazi approximando;
S. João do Campo já nos fica muito atraz...
Assim, *Malhado!* puxa! Bravo, meu rapaz!
Que estamos quazi lá! mexe-me essas ancas!
Emfim!

Tentugal toda a rir de cazas brancas!
A bôa aldeia! Venho cá todos os mezes
E contrariado vou de todas essas vezes.
Venho ao convento vizitar a linda freira,
Nunca lhe fallo: talvez, hoje, a vez primeira...
Vou lá comprar um pastellinho, que eu bem sei
Que elle trará dentro um bilhete, isto sonhei:
Assim o pastellinho, ó ventura sonhada!
Tem de recheio o coração da minha Amada.
Abro o enveloppe ideal. Vamos a ver... — Traz? — Não!

Regresso a Coimbra só com o meu coração.

Coimbra, 1888-1889-1890.

Saudade

Saudade, saudade! palavra tão triste,
E ouvil-a faz bem:
Meu caro Garrett, tu bem na sentiste,
Melhor que ninguem!

Saudades da virgem de ao pé do Mondego,
Saudades de tudo:
Ouvil-as caindo da bocca d'um Cego,
Dos olhos d'um Mudo!

Saudades d'Aquella que, cheia de linhas,
De agulha e dedal,
Eu vejo bordando Galeões e andorinhas
No seu enxoval.

Saudades! e canta, na Torre deu a hora
Da sua novena:
Olhae-a! dá ares de Nossa Senhora,
Quando era pequena.

Saudades, saudades! E ouvide que canta
(E sempre a bordar)
Que linda! «Quem canta seus males espanta
E eu vou-me a cantar...

"Virgilio é estudante, levou-o o seu fado
A terras de França!
Mais leve que espuma, não tenho peccado,
Que o diga a balança.

"Separam-me d'elle cem rios, cem pontes,
Mas isso que faz?
Atraz d'esses montes, ainda ha outros montes,
E ainda outros, atraz!

"Não tarda que volte por montes e praias,
Formado que esteja;
E iremos juntinhos, ah tente, não caias!
Cazar-nos á Igreja.

"Virgilio é um anjo, não tem um defeito,
É altinho como eu;
Os labios com labios, o peito com peito...
Ah, Virgem do Céu!

"O Amor, ai que enygma! consolo no Tedio,
Estrella do Norte!
O Amor é doença, que tem por remedio
Um beijo, ou a Morte.

"Ás vezes, eu quero dizer-lhe que o amo,
Mas, vou-lh'o a dizer,
Irene não falla (Irene me chamo)
E fica a tremer...

"Quando ia ao postigo fallar-lhe, tão cedo,
(Tu, Lua, bem viste)
Ai que olhos aquelles! mettiam-me medo...
E sempre tão triste!

"Perfil de Thereza, velado na capa,
Lá passa por mim:
Ò noites da *Estrada*, tardinhas da *Lapa*,
Choupal! e *Jardim!*

"Cabellos caidos, a cara de cera,
Os olhos ao fundo!

E a voz de Virgilio, docinha que ella era,
Não é d'este mundo!

"Saudades, saudades! Que valem as rezas,
Que serve pedir!
No altar continuam as velas accezas,
Mas elle sem vir!

"Já choupos nasceram, já choupos cresceram,
Estou tão crescida!
Já choupos morreram, já outros nasceram...
Como é curta a Vida!

"Ó rio de amores, que vens da *Portella*
P'r'o mar do Senhor,
Ah vê se na costa se avista uma vela,
Se vem o Vapor...

"Meu S.to Mondego, que vôas e corres,
Não tenhas vagares!
Mondego dos Choupos, Mondego das *Torres*,
Mondego dos Mares!

"Mas ai! o Mondego (Senhora da Graça,
Sou tão infeliz!)
Já foi e já volta, lá passa que passa,
E nada me diz..."

Paris, 1894.

Viagens na Minha Terra

Ás vezes, passo horas inteiras
Olhos fitos n'estas brazeiras,
Sonhando o tempo que lá vae;
E jornadeio em phantazia
Essas jornadas que eu fazia
Ao velho Douro, mais meu Pae.

Que pittoresca era a jornada!
Logo, ao subir da madrugada,
Promptos os dois para partir:
— Adeus! adeus! é curta a auzencia,
Adeus! — rodava a diligencia
Com campainhas a tinir!

E, dia e noute, aurora a aurora,
Por essa doida terra fóra,
Cheia de Côr de Luz, de Som,
Habituado á minha alcova
Em tudo eu via coiza nova,
Que bom era, meu Deus! que bom!

Moinhos ao vento! Eiras! Solares!
Antepassados! Rios! Luares!
Tudo isso eu guardo, *aqui* ficou:
A payzagem etherea e doce,
Depois do Ventre que me trouxe,
A ti devo eu tudo que sou!

No arame oscilante do Fio,
Amavam (era o mez do cio)

Lavandiscas e tentilhões...
Agoas do rio vão passando
Muito mansinhas, mas, chegando
Ao Mar, transformam-se em leões!

Ao Sol, fulgura o Oiro dos milhos!
Os lavradores mail-os filhos
A terra estrumam, e depois
Os bois atrelam ao arado
E ouve-se além no descampado
N'um impeto, aos berros: — Eh! bois!

E, emquanto a velha mala-posta,
A custo vae subindo a encosta
Em mira ao lar dos meus Avós,
Os aldeãos, de longe, álerta,
Olham pasmados, bocca aberta...
A gente segue e deixa-os sós.

Que pena faz ver os que ficam!
Pobres, humildes, não implicam,
Tiram com respeito o chapéu:
Outros, passando a nosso lado,
Diziam: "Deus seja louvado!„
"Louvado seja!„ dizia eu.

E, meiga, tombava a tardinha...
No chão, jogando a vermelhinha,
Outros vejo a discutir.
Carpiam, mysticas, as fontes...
Agoa fria de Traz-os-Montes
Que faz sede só de se ouvir!

E, na subida de *Novellas*,
O rubro e gordo Cabanellas
Dava-me as guias para a mão:
Isso... queriam os cavallos!
Que eu não podia chicoteal-os...
Era uma dôr de coração.

Depois, cançados da viagem,
Repoizavamos na estalagem
(Que era em *Cazaes*, mesmo ao dobrar...)
Vinha a S.ra Anna das Dores
"Que hão-de querer os meus Senhores?
Ha pão e carne para assar...„

Oh! ingenuas mezas, honradas!
Toalhas brancas, marmeladas,
Vinho virgem no copo a rir...
O *cuco* da sala, cantando...
(Mas o Cabanellas, entrando,
Vendo a hora: "É precizo partir „).

Caia a noite. Eu ia fóra,
Vendo uma estrella que lá mora,
No Firmamento portuguez:
E ella traçava-me o meu fado
"Serás Poeta e desgraçado!„
Assim se disse, assim se fez.

Meu pobre Infante, em que scismavas,
Porque é que os olhos profundavas
No Céu sem par do teu Paiz?
Ias, talvez, moço troveiro,
A scismar n'um amor primeiro:
Por primeiro, logo infeliz...

E o carro ia aos solavancos.
Os passageiros, todos brancos,
Resonavam nos seus gabões:
E eu ia álerta, olhando a estrada,
Que em certo sitio, na *Trovoada,*
Costumavam saír ladrões.

Ladrões! Ó sonho! Ó maravilha!
Fazer parte d'uma quadrilha,

Rondar, á Lua, entre pinhaes!
Mas não roubando,—dando esmolas
Dependuradas dos punhaes...

E a mala-posta ia indo, ia indo,
O luar, cada vez mais lindo,
Caia em lagrymas,—e, emfim,
Tão pontual, ás onze e meia,
Entrava, soberba, na aldeia
Cheia de guizos, tlim, tlim, tlim!

Lá vejo ainda a nossa Caza
Toda de lume, côr de braza,
Altiva, entre arvores, tão só!
Lá se abrem os portões gradeados,
Lá vêm com velas os criados,
Lá vem, sorrindo, a minha Avó.

E então, Jezus! quantos abraços!
Qu'é dos teus olhos, dos teus braços,
Valha-me Deus! como elle vem!
E admirada, com as mãos juntas,
Toda me enchia de perguntas,
Como se eu viesse de Bethlem!

—E os teus estudos, tens-me andado?
Tomára eu ver-te formado!
Livre de Coimbra, minha flôr!
Mas vens tão magro, tão sumido...
Trazes tu no peito escondido,
E que eu não saiba, algum amor?

No entanto entrava no meu quarto:
Tudo tão bom, tudo tão farto!
Que leito aquelle! e a agoa, Jezus!
E os lençoes! rico cheiro a linho!
Vá dorme que vens cançadinho.

E eu deitava-me, mudo e triste.
(— Reza tambem o Terço, ouviste?)
Versos, bailando dentro em mim...
Não tinha tempo de ir na sala,
De novo: — Apaga a luz! — Que rala!
Descança, minha Avó, que sim!

Ora, ás occultas, eu trazia
No seio, um livro e lia, lia,
Garrett da minha paixão...
D'ahi a pouco a mesma reza:
— Não vás dormir de luz acceza,
Apaga a luz!... (E eu ainda... não!)

E continuava, lendo, lendo...
O dia vinha já rompendo,
De novo: — Já dormes, diz?
— Bff!... e dormia com a ideia
N'aquella tia Dorotheia,
De que falla Julio Diniz.

O' Portugal da minha infancia,
Não sei que é, amo-te a distancia,
Amo-te mais, quando estou só...
Qual de vós não teve na Vida
Uma jornada parecida,
Ou assim, como eu, uma Avó?

Paris, 1892.

Os Figos Pretos

— Verdes figueiras soluçantes nos caminhos!
Vós sois odiadas desde os seculos avós:
Em vossos galhos nunca as aves fazem ninhos,
Os Noivos fogem de se amar ao pé de vós!

— O' verdes figueiras, ó verdes figueiras,
Deixai-o fallar!
A' vossa sombrinha, nas tardes fagueiras,
Que bom que é amar!

— O mundo odeia-vos. Ninguem vos quer, vos ama:
Os paes transmitem pelo sangue esse odio aos moços.
No sitio onde medraes, ha quazi sempre lama
E debruçaes-vos sobre abysmos, sobre poços.

— Quando eu for defunta para os esqueletos
Ponde uma ao meu lado:
Tristinha, chorando, dará figos pretos...
De luto pezado!

— Os aldeões para evitar vosso perfume
Sua respiração suspendem, ao passar...
Com vossa lenha não se accende, á noite, o lume,
Os carpinteiros não vos querem aplainar.

—Oh! cheiro de figos, melhor que o do incenso
Que incensa o Senhor!
Podesse eu, quem dera! deital-o no lenço
Para o meu amor...

— As outras arvores não são vossas amigas...
Mãos espalmadas, estendidas, supplicantes:

Com essas folhas, sois como velhas mendigas
N'uma estrada, pedindo esmola aos caminhantes!

— Mendigas de estrada! mendigas de estrada!
E cheias de figos!
Os ricos lá passam e não vos dão nada,
Vós daes aos mendigos...

— Ai de ti! ai de ti! ó figueiral gemente!
O goivo é mais feliz, todo amarello, lá.
Ninguem te quer: tua madeira é unicamente
Utilizada para as forcas, onde as ha...

— Que más criaturas! que injustas sois todas!
Que injustas que sois!
Será de figueira meu leito de bodas..!
E os berços, depois.

— Tragicas, nuas, esqueleticas, sem pelle,
Por traz de vós, a Lua é bem uma caveira!...
O' figos pretos, sois as lagrymas d'aquelle
Que, em certo dia, se enforcou n'uma figueira!

— Tambem era negro, de negro cegava
O pranto, o rozario,
Que, em certa tardinha, desfiava, desfiava,
Alguem, no Calvario...

— E, assim, ao ver no Outomno uma figueira nua,
Se os figos caem de maduros, pelo chão:
Cuido que é a ossada do Traidor, á luz da Lua,
A chorar, a chorar sua alta traição!

— O' minhas figueiras, ó minhas figueiras,
Deixae-o fallar!
Oh! vinde de hi ver-nos, a arder nas fogueiras
Cantar e bailar...

Coimbra, 1889.

Os Sinos

1

Os sinos tocam a noivado,
No Ar lavado!
Os sinos tocam, no Ar lavado,
A noivado!

Que linda menina que assoma na rua!
Que linda, a andar!
Em extazi, o Povo commenta "que é a Lua,
Que vem a andar...„

Tambem, algum dia, o Povo na rua,
Quando eu cazar,
Ao ver minha Noiva, dirá "que é a Lua
Que vae cazar...„

2

E o sino toca a baptizado
Um outro fado!
E o sino toca um outro fado,
A baptizado!

E banham o anjinho na agoa de neve,
Para o lavar,
E banham o anjinho na agoa de neve,
Para o avier

O' boa Madrinha, que o enxugas de leve,
Tem dó d'esses gritos! comprehende esses ais:
Antes o enxugue a *Velha!* antes Deus t'o leve!
Não soffre mais...

3

Os sinos dobram por anjinho,
Lá no Minho!
Os sinos dobram, lá no Minho,
Por anjinho!

Que aceiada que vae p'r'a cova!
Olhae! olhae!
Sapatinhos de sola nova,
Olhae! olhae!

O' ricos sapatos de solinha nova,
Bailae! bailae!
Nas eiras que rodam debaixo da cova...
Bailae! bailae!

4

O sino toca p'r'a novena,
Gratiæ plena,
E o sino toca, *gratiæ plena,*
P'r'a novena.

Ide, Meninas, á ladainha,
Ide rezar!
Pensae nas almas como a minha...
Ide rezar!

Se, um dia, me deres alguma filhinha,
Ó Mãe dos Afflictos! ella ha-de ir, tambem:
Ha-de ir ás novenas, assim, á tardinha,
Com sua Mãe...

5

E o sino chama ao Senhor-fóra,
A esta hora!
Os sinos clamam, a esta hora,
Ao Senhor-fóra!

Accendei, Vizinhos, as velas,
Allumiae!
Velas de cera nas janellas!
Allumiae!

E Luas e Estrellas tambem põem velas,
A allumiar!
E a *alminha*, a esta hora, já está entre ellas,
A allumiar...

6

E os sinos dobram a defuntos,
Todos juntos!
E os sinos dobram, todos juntos,
A defuntos!

Que triste ver amortalhados!
Senhor! Senhor!
Que triste ver olhos fechados!
Senhor! Senhor!

Que pena me fazem os amortalhados,
Vestidos de preto, deitados de costas...
E de olhos fechados! e de olhos fechados!
E de mãos postas!

E os sinos dobram a defuntos,
Dlin! dlang! dling! dlong!
E os sinos dobram, todos juntos,
Dlong! dlin! dling! dlong!

Lua cheia

DA INFLUENCIA DA LUA

Outomno. O Sol, qual brigue em chammas, morre
Nos longes d'agoa... Ó tardes de novena!
Tardes de sonho em que a poezia escorre
E os bardos, a scismar, molham a penna!

Ao longe, os rios de agoas prateadas
Por entre os verdes cannaviaes, esguios,
São como estradas liquidas, e as estradas,
Ao luar, parecem verdadeiros rios!

Os choupos nus, tremendo, arripiadinhos,
O chale pedem a quem vae passando...
E nos seus leitos nupciaes, os ninhos,
As lavandiscas noivam piando, piando!

O orvalho cae do Céu, como um unguento.
Abrem as bôcas, aparando-o, os goivos;
E a laranjeira, aos repelões do Vento,
Deixa cair por terra a flôr dos noivos.

E o orvalho cae... E, á falta d'agoa, rega
O val sem fructo, a terra arida e nua!
E o Padre-Oceano, lá de longe, prega
O seu Sermão de Lagrymas, á Lua!

A Lua! Ella não tarda ahi, espera!
O magico poder que ella possue!

Ai os meus nervos, quando a Lua é cheia!
Da Arte novas concepções descubro,
Todo me afflijo, fazem lá ideia!
Ai a ascenção da Lua, pelo Outubro!

Tardes de Outubro! ó tardes de novena!
Outomno! Mez de Maio, na lareira!
Tardes...
Lá vem a Lua, *gratiæ-plena,*
Do convento dos Céus, a eterna freira!

Porto, 1886.

D. Enguiço

O bom Amigo que vou cantando,
Neto de Sanctos, irmão de Afflictos,
Nasceu chorando, nasceu gritando,
Nasceu aos gritos! nasceu aos gritos!

Já presentia, menino extranho,
O que no Mundo cá o esperava,
E assim pedia, n'um dó tamanho,
Não no tirassem lá d'onde estava.

Mas a parteira pouco se importa:
— Oh que rabugem! Ai Credo! Cruzes!
Esta eu vos juro que não vem morta...
(No altar da Virgem ardem as luzes.)

E foi crescendo. Mas como via
Quanto era inutil a sua queixa,
Ai caiu n'essa melancholia,
Que não o deixa, que não o deixa!

O Amor precoce feriu-lhe o peito.
Que paixão doida não era a sua!
«Se a vir, dizia, no Mar me deito»
E até promessas fazia á Lua...

Mais tarde, em Coimbra, n'alguma ceia
Com mais rapazes, no *Zé Magrinho*,
Diante d'um copo, d'uma lampreia,

Não tinha sede, não tinha fome,
Nunca dormia, sempre em vigilia:
Elle é o herdeiro d'um grande nome.
Assim são todos n'essa familia.

Ia ás batotas (que mal faz isso?)
Ver seus amigos se lá estavam,
E, mal no viam: «Lá vem o enguiço!»
E era verdade — que não ganhavam...

Um dia, em Maio, no mez das flores,
Chamou-o a Patria p'ra tel-o ao lado:
Vieram vel-o cinco Douctores,
Não no quizeram para soldado!

Farto de dôres com que o matavam,
Foi em viagens por esse Mundo:
Mas os comboyos descarrilavam,
Mas os paquetes iam ao fundo!

Saia a salvo n'alguma lancha,
Que uma onda amiga trazia á praia:
Podem proval-o o canal da Mancha
E o Sr. Golpho de la Byscaia...

Nos seus exames, ou n'um concurso,
Maior que todos, e era vencido!
Assim, tornou-se bizonho e urso,
Tinha delirio de perseguido.

Ha, por exemplo, querem ouvil-a?
Uma anedocta, que é engraçadissima:
Todos os homens de aldeia, ou villa,
Querem matal-o, Virgem Sanctissima!

Mas, como é inutil toda a armadilha

Vêm, alta noite, na agoa da bilha
Deitar veneno, tal como em Roma.

Que faz, portanto? Pobre pequeno!
Pega em trez peixes, deita-os no centro,
E diz, se bebe: «Não tem veneno,
Porque os peixinhos nadam lá dentro...»

Ingenuidades encantadoras!
Tão bom, tão simples e d'elle rio...
Serieis capazes, minhas Senhoras,
De amar um homem d'este feitio?

Tem graça sempre, tem imprevisto:
Anda elle agora, na Terra-Sancta,
P'ra achar os ossos de Jezus-Christo...
Vêde-o, bons Sabios! tirando a planta.

Olá, Senhoras, que ides na frota,
Que ides ás Azias, emquanto eu fico,
— Boa viagem!... e tomae nota,
Dae lá saudades ao compatriota...
Meu pobre Chico! meu pobre Chico!

Paris, 1893.

O Meu Cachimbo

Ó meu cachimbo! Amo-te immenso!
Tu, meu thuribulo sagrado!
Com que, Sr. Abbade, incenso
A Abbadia do meu passado.

Fumo? E occorre-me á lembrança
Todo esse tempo que lá vae,
Quando fumava, ainda criança,
Ás escondidas do meu Pae.

Vejo passar a minha vida,
Como n'um grande cosmorama:
Homem feito, pallida Ermida,
Infante, pela mão da ama.

Por alta noite, ás horas mortas,
Quando não se ouve pio, ou voz,
Fecho os meus livros, fecho as portas
Para fallar comtigo a sós.

E a noite perde-se em cavaco,
Na Torre d'Anto, aonde eu moro!
Alli, mettido no buraco,
Fumo e, a fumar, ás vezes... choro.

Chorando (penso e não o digo)
Os olhos fitos n'este chão,
Que tu és leal, és meu amigo...
Os meus Amigos onde estão!

Não sei. Tral-os-á o "nevoeiro„ ...
Os tres, os intimos, *Aquelles*,
Estão na Morte, no extrangeiro...
Dos mais não sei, perdi-me d'elles.

Morreram-me uns. Por esses peço
A Deus, se elle está de maré:
E, ás noites, quando eu adormeço,
Phantasmas, vêm, pé ante pé...

Tristes, nostalgicos da cova,
Entram. Sorrio-lhes e fallo.
Deixam-se estar na minha alcova,
Até se ouvir cantar o gallo.

Outros, por esses cinco Oceanos,
Por esse Mundo erram, talvez:
Não me escreveis, ha tantos annos!
Que será feito de Vocês?

Hoje, delicias do abandono!
Vivo na Paz, vivo no limbo:
Os meus Amigos são o Outomno,
O Mar e tu, ó meu Cachimbo!

Ah! quando fôr do meu enterro,
Quando partir gelado, emfim,
N'algum caixão de mogno e ferro,
Quero que vás ao pé de mim.

Sancta mulher que me tratares,
Quando em teus braços desfalleça,
Cazo meus olhos não cerrares,
Embora! que isto não te esqueça:

Colloca, sob a travesseira,
O meu cachimbo singular

E enche-o, sollicita Enfermeira,
Com *Gold-Fly*, para eu fumar...

Como passar a noite, Amigo!
No *Hotel da Cova* sem conforto?
Assim levando-te commigo,
Esquecer-me-ei de que estou morto...

Coimbra, 1889.

Ballada do Caixão

O meu vizinho é carpinteiro,
Algibebe de Dona Morte,
Ponteia e coze, o dia inteiro,
Fatos de pau de toda a sorte:
Mogno, debruados de velludo
Flandres gentil, pinho do Norte...
Ora eu que trago um sobretudo
Que já me vae a aborrecer,
Fui-me lá, hontem: (era Entrudo,
Havia immenso que fazer...)
— Olá, bom homem! quero um fato,
Tem que me sirva? — Vamos ver...
Olhou, mexeu na caza toda.
— Eis aqui um e bem barato.
— Está na moda? — Está na moda.
(Gostei e nem quiz apreçal-o:
Muito justinho, pouca roda...)
— Quando posso mandar buscal-o?
— Ao pôr-do-Sol. Vou dal-o a ferro:
(Poz-se o bom homem a aplainal-o...)

Ó meus Amigos! salvo-erro,
Juro-o pela alma, pelo Céu:
Nenhum de vós, ao meu enterro,
Irá mais dandy, olhae! do que eu!

Paris, 1891.

Febre Vermelha

Rozas de vinho! abri o calice avinhado,
Para que em vosso seio o labio meu se atole:
Beber até caír, bebedo para o lado,
Quero beber, beber até o ultimo gole!

Rozas de sangue! abri o vosso peito, abri-o!
Montanhas alagae! deixae-as trasbordar!
Ás ondas como o Oceano, ou antes como um rio
Levando na corrente Ophelias de luar...

Camelias! entreabri os labios de Eleonora,
Desabrochae, á Lua, a ancia do vosso calis!
Dá-me o teu genio, dá! ó tulipa de aurora!
E dá-me o teu veneno, ó rubra digitalis!

Papoilas! descerrae essas bôcas vermelhas,
Apagae-me esta sede estonteadora e cruel:
Ó favos rubros! os meus labios são abelhas,
E eu ando a construir meu cortiço de mel.

Rainunculos! corae minhas faces-de-terra!
Que seja sangue o leite e rubins as opalas!
Tal se vêm pelo campo, em seguida a uma guerra,
Tintos da mesma côr os corações e as balas!

Chagas de Christo! abri as petalas chagadas,
N'uma raiva de côr, n'uma erupção de luz!
Escancarae a bôcca, ás vermelhas rizadas,
Cancros de Lazaro! Feridas de Jezus...

Flôres em braza! Orgãos da côr! Tirava
Operas d'oiro, podesse eu, das vossas teclas,
Vulcões de Maio! ungi minha pelle de lava!
Dae-me energia, audacia, ó pequeninos Heclas!

Dae-me do vosso sangue, ó flôres! entornae-o
Nas veias do meu corpo estragado e sem côr
Que vida negra! Foi escripto, á luz do raio,
O triste fado que me deu Nosso Senhor.

Scismo já farto de velar minha alma doente,
Não dura um mez siquer, minhas amigas, vede!
Mas, mal vos vejo, então, pulo alegre e contente
A uivar, como os leões quando os ataca a sede!

Corto o estrellado Céu, vôo atravez do Espaço,
Cruzo o Infinito e vou rolar aos pés de Deus,
Como se accaso fosse, em catapultas de aço,
Por um Titan de bronze atirado a esses Céus!

Amo o Vermelho. Amo-te, ó hostia do Sol-posto!
Fascina-me o escarlate, os meus tedios estanca:
E apezar d'isso, ó cruel hysteria do Gosto,
Miss Charlotte, a flôr que eu amo, é branca...

Leça, 1886.

Poentes de França

— Ó Sol! ó Sol! ó Sol! poente de vinho velho!
Enche meu copo de S. Graal (deu-m'o a ballada...)
Ó sol de Normandia! Occidente vermelho,
Tal o circo andaluz depois d'uma toirada!

— Vós sois extrangeiros, vós sois extrangeiros
Ó poentes de França! não vos amo, não!

— Ó Sol, cautella! já a noite se avizinha,
O Padre-Oceano vae, em breve, commungar:
Ó hostia vesperal de vermelha farinha,
Que o bom Moleiro móe, no seu moinho do Ar!

Ó Sol ás *Trindades*, atraz dos pinheiros,
A' hora em que passam branquinhos moleiros,
Levando farinha p'ra cozer o pão!

— Ó forca do Sol-pôr! ó Inferno de Dante!
Açougue d'astros! ó sabbat de feiticeiras!
Ó Sol ensanguentado! ó cabeça-fallante,
Que o funambulo Poente anda a mostrar nas feiras...

— Que paz pelo Mundo, n'essa hora ditoza!
Ó poentes de França! não vos amo, não!

— *Arco da Velha*, a rir rizos de sete cores!
Ó Lua na ascenção! ó Sol! ó Sol! ó Sol!
Cabeça de Iskariote, entre aguias e condores!
Ó cabeça de Christo, impressa no lençol!

Que paz pelo Mundo, n'essa hora saudoza

— Ó Sol! ó Sol! Titan d'este bloco da Terra!
Ó Sol em sangue que ainda pula e arde e scintilla!
Ó bala de canhão, tu vens d'alguma guerra:
Varaste os corações d'um exercito em fila!

— Ó hora em que as agoas rebentam das minas...
Ó poentes de França! não vos amo não!

— Ó poente verde-mar! ó pôr-do-Sol de azeite!
Ó longes de trovoada! ó Ceu dos ventos sues!
Vacca do Ar, a mugir crepusculos de leite
E roxos e cardeaes e amarellos e azues!

Ó hora em que passam moças e meninas
Que, em tardes de Maio, vão ás *Ursulinas*,
Com rozas nos seios e um livro na mão!

— Ó Sol! ó Sol! Tragico, afflicto, doido, venho
Á tua saude erguer a minha taça ardente!
Meus grandes olhos são dois bebedos, e tenho
Delirium-tremens já, Sir Falstaff do Poente!

— Eu amo os poentes, mas sem agonias,
Ó poentes de França! não vos amo, não!

— Adeus, ó Sol! chegou a Noite na fragata,
Á tua porta os Marinheiros vão bater:
Lá vejo os astros por seus calices de prata,
Na *Taverna do Occaso*, a beber, a beber...

Ó céus phtysicos, cuspindo em bacias!
Ó céus como escarros, ás *Ave-Marias!*
Ó poentes de França! não vos amo, não!

Paris, 1891.

Á Toa

O PRIMEIRO HOMEM

Que grande é o Mundo! E eu só! Que tortura tamanha!
Ninguem! Meu pae é o Céu. Minha mãe é a Montanha.

A MONTANHA

Os meus cabellos são os pinheiraes sombrios
E veias do meu corpo os azulados Rios.

OS RIOS

Nós somos o suor que o Estio asperge e sua,
Nós somos, em Janeiro, a agoa-benta da Lua!

A LUA

Eu sou a bala, no Ar detida, d'essa guerra
Que teve contra Deus, em seu principio, a Terra...

A TERRA

E eu uma das maçãs, entre outras a primeira,
Que certo Virgem viu caír d'uma macieira!

A MACIEIRA

AS ESTRELLAS

No Mar, á noite, reflectimo-nos, a olhar,
E formamos, assim, as *Estrellas do-mar*...

O MAR

Sou padre. São d'agoa meus Santos-Evangelhos:
Accendei meu altar, relampagos vermelhos!

OS RELAMPAGOS

Nós somos (o contrario, embora, seja escripto)
Os fogos-fátuos d'esta cova do Infinito.

O INFINITO

Sou o mar sem borrasca, onde emfim se descança.
Aqui, vem desagoar o rio da Esperança...

A ESPERANÇA

Morri, irmãos! mas lá ficaram minhas vestes,
No vosso mundo: dei-as dadas aos cyprestes.

OS CYPRESTES

Para apontar os Céus, como dedos funereos,
Plantaram-nos no pó dos mudos Cemiterios...

OS CEMITERIOS

Porão, beliches, tudo cheio!... Os Céus absortos!
Não cabe em Josaphat esta leva de mortos!

OS MORTOS

Seculos tombam uns sobre outros, como blocos,
E nós dormindo sempre, eternos dorminhocos!

Ao Canto do Lume

Novembro. Só! Meu Deus, que insupportavel Mundo!
Ninguem, viv'alma... O que farão os mais?
Senhor! a Vida não é um rapido segundo:
Que longas horas estas horas! Que profundo
Spleen o d'estas noites immortaes!

Faz tanto frio. (Só de a ver me gela, a cama...)
Que frio! Olá, Joseph! deita mais carvão!
E quando tudo se extinguir na aurea chamma,
Eu deitarei (para que serve? já não ama)
As cinzas brancas, o meu pobre coração!

Lá fora o Vento como um gato bufa e mia...
Ó pescadores, vae tão bravo o Mar!
Cautella... Orçae! Largae a escota! *Ave Maria!*
Cheia de Graça... Horror! Mortos! E a agoa tão fria!..
Que triste ver os Mortos a nadar!

Spleen! Que hei-de eu fazer? Dormir, não tenho somno,
Leva-me a carne a Dôr, desgasta-me o perfil.
Nada ha peor que este somnambulo abandono!
Ó meus Castellos-em-Hespanha! Ó meu outomno
D'Alma! Ó meu cair-das-folhas, em Abril!

A Vida! Horror! Ó vós que estaes no ultimo alento!
Que felizes, sois prestes a partir!
Ó Morte, quero entrar no teu Recolhimento!...

Mez de Novembro! Mez dos tysicos! Suando
Quantos a esta hora, não se estorcem a morrer!
Ve-se os Padres as mãos, contentes, esfregando...
Mez em que a cera dá mais e a botica, e quando
Os carpinteiros têm mais obra p'ra fazer...

Oiço um apito. O trem que se vae... Engatar-te
Quem me dera o wagon dos sonhos meus!
Lá passa, ao longe. Adeus! Quizera acompanhar-te...
— Boa viagem! Feliz de quem vae, de quem parte!
Coitado de quem fica... Adeus! adeus!

Que illuzão, viajar! Todo o Planeta é zero.
Por toda a parte é mau o Homem e bom o Céu.
— Americas! Japão! Indias! Calvario!... Quero
Mas é ir á Ilha orar sobre a cova do Anthero
E a Agueda beber agoa do Botareu...

Vi a Ilha loira, o Mar! Pizei terras de Hespanha,
Paizes raros, Neves, Areaes;
Cantando, ao luar, errei nas ruas da Allemanha,
Armei na França minha tenda de campanha...
E tedio, tedio, tedio e nada mais!

Que hei-de eu fazer! Callae essas canções immundas,
Cervejarias do Quartier! Rezae, rezae!
Payzagem, onde estás? Ó luar, agoas profundas!
Ó choupos, á tardinha, altivos, mas corcundas,
Tal como aspirações irrealizaveis, ai!

Não me tortura mais a Dor. Sou feliz. Creio
Em Deus, n'uma Outra-vida, além do Ar.
Vendi meus livros, meu Philosopho queimei-o.
Agora, trago uma medalha sobre o seio

(E a chuva cae...) Meu Deus! Que insupportavel Mundo!
Viv'alma! (O Vento geme...) O que farão os mais?
Senhor! a Vida não é um rapido segundo:
Que longas horas estas horas! Que profundo
Spleen mortal o d'estas noites immortaes!

Paris, 1890-1891.

Lua Quarto-Minguante

OS CAVALLEIROS

— Onde vaes tu, cavalleiro,
Pela noite sem luar?
Diz o vento viajeiro,
Ao lado d'elle a ventar.
Não responde o cavalleiro,
Que vae absorto a scismar.
— Onde vaes tu, torna o Vento,
N'esse doido galopar?
Vaes bater a algum convento?
Eu ensino-te a rezar.
E a Lua surge, um momento,
A Lua, convento do Ar.
— Vaes levar uma mensagem,
Dá-ma que eu vou-t'a entregar:
Irás em meia viagem
E eu já de volta hei-de estar.
E o cavalleiro, á passagem,
Faz as arvores vergar.
— Vaes escalar um mosteiro?
Eu ajudo-t'o a escalar:
Não ha no Mundo pedreiro
Que a mim se possa egualar!
Não responde o cavalleiro
E o vento torna a fallar:
— Dize, dize! vaes p'ra guerra
Monta em mim, vou-te levar:
Não ha cavallo na Terra
Que tenha tão bom andar...

Como vagas a arrolar!
— E as guerras has-de ganhal-as.
Que por ti hei-de velar:
Pondo-me á frente das balas
Para a força lhes tirar!
E as arvores formam alas
Para os guerreiros passar.
— Vaes guiar as caravellas
Por sobre as agoas do Mar?
Guiarei as tuas velas
Á feição hei-de assoprar.
E os astros vêm ás janellas
E a Lua vem espreitar...
— Onde vaes na galopada,
Á tua infancia, ao teu Lar?
Conheço a tua pousada:
Já lá tenho ido ficar.
E vae longe a trovoada,
Vae de todo a alliviar.
— Vaes ver tua velha Tia,
Na roca de oiro a fiar?
Loiro linho que ella fia,
Ajudei-lh'o eu a seccar!
E o luar é a Virgem Maria...
Que lindo vae o luar!
— Vaes ver a tua Mãezinha?
Coitada! vi-a expirar:
Tinha a alma tão levezinha,
Que voou sem eu lhe tocar!...
E o cavalleiro caminha,
Caminha sem se importar!
— Vaes ver tua Irmã? Ao peito
Traz um menino a criar:
Ai com que bom, lindo geito
Ella o sabe acalentar!
E o Vento embala no peito

— Vaes ver teus Irmãos distantes?
Vejo-os sempre a trabalhar:.
Andaes pelo Mundo, errantes,
A Morte ha-de vos juntar...
Cannaviaes, como estudantes,
Batem-se em duello, ao luar!
—Vaes ver (se os tens) teus Amigos,
Que levas para lhes dar?
Quando a figueira tem figos,
Tudo n'ella é de gabar.
Que perfil e olhos antigos,
Que nobreza a d'esse olhar!
—Onde vaes tu? Aonde, aonde?
Phantasma! vaes-te cazar?
Eu sei da filha d'um Conde
Que por ti vive a penar...
E o phantasma não responde,
Sempre, sempre, sempre a andar
—Vaes á cata da Ventura
Que anda os homens a tentar?
(Ai d'aquelle que a procura
Que eu nunca a pude encontrar!)
N'isto, pára a criatura,
Faz seu cavallo estacar:
—Vento, sim! Espera, espera!
Que estrada devo tomar?
(É um Menino, é uma chymera
E todo lhe ri o olhar...)
E o Vento, com voz austera,
Dôr, querendo disfarçar:
—Toma todas as estradas,
Todas, d'Áquem e Além-mar:
Serão inuteis jornadas,
Nunca lá has-de chegar...
Palavras foram facadas
Que é vel-o, todo a sangrar...

Começam de branquiar,
E olham-se os dois cavalleiros,
Quedam-se ambos a scismar.
Brilha o Oriente entre os pinheiros,
Ouvem-se os gallos cantar.
—Adeus, adeus! nasce a aurora,
Adeus! vamos trabalhar!
Adeus, adeus! vou-me embora,
Chamam-me as velas, no Mar.
E o vento vae por hi fóra,
No seu cavallo, a ventar...

Paris, 1891.

A Vida

Ó grandes olhos outomnaes! mysticas luzes!
Mais tristes do que o Amor, solemnes como as cruzes!
Ó olhos pretos! olhos pretos! olhos côr
Da capa d'Hamlet, das gangrenas do Senhor!
Ó olhos negros como noites, como poços!
Ó fontes de luar, n'um corpo todo ossos!
Ó puros como o Céu! ó tristes como levas
De degredados!

Ó Quarta-feira de Trevas!

Vossa luz é maior, que a de trez Luas-Cheias
Sois vós que allumiaes os Prezos, nas cadeias,
Ó velas do Perdão! candeias da Desgraça!
Ó grandes olhos outomnaes, cheios de Graça!
Olhos accezos como altares de novena!
Olhos de genio, aonde o Bardo molha a penna!
Ó carvões que accendeis o lume das velhinhas,
Lume dos que no Mar andam botando as linhas...
Ó pharolim da barra a guiar os Navegantes!
Ó pyrilampos a allumiar os caminhantes,
Mais os que vão na diligencia pela serra!
Ó Extrema-Uncção final dos que se vão da Terra!
Ó janellas de treva, abertas no teu rosto!
Thuribulos de luar! Luas-Cheias d'Agosto!
Luas d'Estio! Luas negras de velludo!
Ó Luas negras, cujo luar é tudo, tudo
Quanto ha de branco: véus de noivas, cal
Da ermida, velas do hiate, sol de Portugal

Linho de fiar, leite de nossas Mães, mãos juntas
Que têm erguidas entre cyrios, as defuntas!
Consoladores dos Afflictos! Ó olhos, Portas
Do Céu! Ó olhos sem bulir como agoas-mortas
Olhos ophelicos! Dois soes, que dão sombrinha...
Que são em preto os *Olhos Verdes* de Joanninha...
Olhos tranquillos e serenos como pias!
Olhos Christãos a orar, a orar *Ave-Marias*
Cheias de Luz! Olhos sem par e sem irmãos,
Aos quaes estendo, toda a hora, as frias mãos!
Estrellas do Pastor! Olhos silenciozos,
E milagrozos, e misericordiozos,
Com os teus olhos nunca ha noites sem luar,
Mesmo no inverno, com chuva e a relampejar!
Olhos negros! vós sois duas noites fechadas,
Ó olhos negros! como o céu das trovoadas...

Mas dize, meu Amor! ó Dona de olhos taes!
De que te serve ter uns astros sem eguaes?
Olha em redor, poiza os teus olhos! O que vês?
O Tedio, o Tedio, oh sobretudo o Tedio! O mez
Em que estamos, igual ao mez passado e ao que ha-de
Vir. Odios, Ambições, faltas de Honra, Vaidade,
(Quazi todos a têm, isso é o menos) o Orgulho
Insupportavel tal o meu, e o sol de Julho!
Jezus! Jezus! quantos doentinhos sem botica!
Quantos lares sem lume e quanta gente rica!
Quantos Reis em palacio e quanta alma sem ferias!
Quantas torturas! Quantas Londres de mizerias!
Quanta injustiça! quanta dôr! quantas desgraças!
Quantos suores sem proveito! quantas taças
A trasbordar veneno em espumantes bôcas!
Quantos martyrios, ai! quantas cabeças loucas,
No manicomio do Planeta! E as Orfandades!
E os vapores no Mar, doidos, ás tempestades!
E os defuntos, meu Deus! que o Vento traz á praia!

E os que sossobram entre a vaidade e o dever!
E os que têm, amanhã, uma letra a vencer!
Olha essa procissão que passa: um torturado
De infinito! Um rapaz que ama sem ser amado,
E para ser feliz fez todos os esforços...
Olha as insomnias d'uma noite de remorsos,
Como dez annos de prizão maior-cellular!
Olha esse tysico a tossir, á beira-mar...
Olha o bébé que teve Torre de coral
De immensas illuzões, mas que uma aguia, afinal,
Devorou, pois, ao vel-a ao longe, avermelhada,
Cuidou, ingenua! que era carne ensanguentada!
Quantos são, hoje? Horror! A lembrança das datas...
Olha essas rugas que têm certos diplomatas!
Olha esse olhar que têm os homens da Politica!
Olha um artista a lêr, soluçando, uma critica...
Olha esse que não tem talento e o julga ter
E aquelle outro que o tem... mas não sabe escrever!
Olha, acolá, tantos Estupidos, meu Deus!
(Morrendo, diz-se, vão para o Reino dos Céus...)
Olha um filho a espancar o pae que tem cem annos!
Olha um moço a chorar seus crueis desenganos!
Olha o nome de Deus, cuspido n'um jornal!
Olha aquelle que habita uma Torre de sal,
Muros e andaimes feitos, não de ondas coalhadas,
Mas de outras que chorou, de lagrymas salgadas!
Olha um velhinho a carregar com a farinha.
E o filho no arraial, jogando a vermelhinha!
Olha, lá vae saindo o paquete *Dom Oil*
Com os nossos irmãos que vão para o Brazil...
Olha, acolá, no caes uma mulher como chora
É o marido, um ladrão, que vae "p'la barra fóra!„
Olha esta noiva amortalhada, n'um caixão...

Jezus! Jezus! Jezus! o que hi vae de afflicção!

Ó meu Amor! é para vêr tantos abrolhos,
Ó flôr sem elles! que tu tens tão lindos olhos!

Ah! foi para isto que te deu leite a tua ama,
Foi para vêr, coitada! essa bola de lama
Que pelo Espaço vae leve como a andorinha,
A Terra!

Ó meu Amor! antes fosses ceguinha...

Paris, 1891.

Adeus!

POR UMA TEMPESTADE NA COSTA DE INGLATERRA

Adeus! Eu parto, mas volto, breve,
Á tua caza que deixei lá!
Leva-me o Outomno (não tarda a neve)
Leva-me o Outomno (não tarda a neve)
No meu regresso, que sol fará!

Adeus! Na auzencia mezes são annos,
Dias são mezes, que ahi são ais:
Ah tu tens sonhos, eu tenho enganos,
Eu sou sozinho, tu tens teus Paes.

Adeus! Nas velas o Vento toca
"Aves" e "Paters" de immensa dor.
Emquanto rezas, fia na roca
Emquanto rezas, fia na roca
O linho branco do nosso amor.

Adeus! Paquete, que vaes fugido
Com um Poeta lá dentro a orar!
Ai que destino tão parecido,
Andar aos ventos, ó Mar! ó Mar!

Adeus! Mar, quero que me respondas,
Agoas tão altas! dizei, dizei:
Quaes mais salgadas? as vossas ondas
Quaes mais salgadas? as vossas ondas

Adeus! (Que é isto? treme o Paquete!)
Fiel me seja teu Coração:
Não que eu fecheio-o n'um aloquete
E a chave é de oiro, trago-a na mão!

Adeus! O Vento soluça e geme,
O Mar é negro, mas "lá" é azul...
Francez tão moço, que vaes ao leme,
Francez tão moço, que vaes ao leme,
Ah se podesses voltar ao Sul!

Adeus! (Piloto, que nuvens essas
Façamos juntos o "p'lo signal!")
Menina e Moça, nunca me esqueças,
Que eu tenho os olhos em Portugal!

Adeus! Um brigue de panno roto
Vêde que passa, faz-nos signaes:
Tenha piedade, Sr. Piloto,
Tenha piedade, Sr. Piloto,
Seja pela alma dos nossos Paes...

Adeus! "St. Jacques", vae depressinha...
Meu Anjo, a esta hora, tu que farás?
O Mar faz medo (Salve-Rainha...)
E tu, meu Anjo, tão longe estás!

Adeus! Tão longe, tão longe a terra!
Longe de tudo, longe de ti!
A trinta milhas, fica a Inglaterra,
A trinta milhas, fica a Inglaterra,
A uma (ou menos) a Morte, alli...

Adeus! Na hora de me deixares,
Já presentias o meu porvir:

Adeus! Já faltam os mantimentos,
Falta-nos agoa, falta-nos luz!
Morrer, á Lua, sem sacramentos,
Morrer, á Lua, sem sacramentos,
Morrer tão novo, Jezus! Jezus!

Adeus! E os dias nascem e morrem;
Tanta agoa e falta para beber!
E já puzeram (rumores correm)
Sola de môlho para comer.

Adeus! — Bons-dias, meu Commandante.
A nossa sorte... morrer, talvez...
E o rude velho segue p'ra diante:
E o rude velho segue p'ra diante:
— Morrer, meu Amo, só uma vez!

Adeus! — Gageiro! — boa criança!
Que vaes em cima no mastareu,
Vê lá se avistas terras de França...
— Ah nada avisto, só agoa e céu!

Adeus! Ó Lua, Lua dos Mezes,
Lua dos Mares, ora por nós!...
Ó Mar antigo dos Portuguezes,
Ó Mar antigo dos Portuguezes,
Ó Mar antigo dos meus Avós!

Adeus! Ai triste de quem embarca
Sem ver a sorte que o espera ao fim!
Façamos vela p'ra Dinamarca,
Que Hamlet espera no *Caes* por mim.

Adeus! Á Vida sinto-me prezo,
(Morrer não custa) pelas paixões...
Vamos ao fundo, meu Anjo, ao pezo
Vamos ao fundo, meu Anjo, ao pezo

Adeus! Que extranha Vizão é aquella
Que vem andando por sobre o mar?
Todos exclamam de mãos para ella:
"Nossa Senhora! que vens a andar!„

Adeus! A Virgem com um affago,
Poz manso o Oceano, que assim o quiz:
O Mar agora parece um lago,
O Mar agora parece um lago...
O rio Lima do meu Paiz!

Adeus! Menina, que estás rezando,
Desceu a Virgem e já te ouviu:
Agora, quero ver-te cantando,
A Sancta Virgem já me acudiu.

Adeus! Os Ventos são meigas brizas
E brilha a Lua como um pharol!
Ponde nas vergas vossas camizas,
Ponde nas vergas vossas camizas,
Ó Marinheiros, que a Luz é o Sol!

Adeus! "St. Jacques„ lá entra a barra,
Nossa Senhora vae indo a pé:
Com seu cabello fez uma amarra,
Lá vae puxando, que boa ella é!

Adeus! Eu parto, mas volto, breve,
Á tua caza que deixei lá!
Leva-me o Outomno (não tarda a neve)
Leva-me o Outomno (não tarda a neve)
No meu regresso que sol fará!

Paris, 1893.

Ladainha

Teu coração dentro do meu descança,
Teu coração, desde que lá entrou:
E tem tão bom dormir essa criança,
Deitou-se, alli caiu, alli ficou.

Dorme, menino! dorme, dorme, dorme!
O que te importa o que no Mundo vae?
Ao acordares d'esse somno enorme
Tu julgarás que se passou n'um ai.

Dorme, criança! dorme, socegada,
Teus somnos brancos ainda por abrir:
Depois, a Morte não te custa nada,
Porque a ella habituaste-te a dormir...

Dorme, meu Anjo! (a Noite é tão comprida!)
Que doces sonhos tu não has-de ter!
Depois, com o habito de os ter na Vida
Continuarás depois de fallecer...

Dorme, meu filho! cheio de socego,
Esquece-te de tudo e até de mim.
Depois... de olhos fechados, és um cego,
Tu nada vês, meu filho! e antes assim.

Dorme os teus sonhos, dorme e não mos digas,
Dorme, filhinho! dorme, dorme "ó-ó"...
Dorme, minha alma canta-te cantigas

Nenhuma ama tem um pequenino
Tão bom, tão meigo; que feliz eu sou!
E tem tão bom dormir esse menino...
Deitou-se, alli caiu, alli ficou.

Paris, 1894.

Falla ao Coração

Meu Coração, não batas, pára!
Meu Coração, vae-te deitar!
A nossa dôr, bem sei, é amara,
A nossa dôr, bem sei, é amara:
Meu Coração, vamos sonhar...
Ao Mundo vim, mas enganado.
Sinto-me farto de viver:
Vi o que elle era, estou massado,
Vi o que elle era, estou massado.
Não batas mais! vamos morrer...
Bati á porta da Ventura
Ninguem ma abriu, bati em vão:
Vamos a ver se a sepultura,
Vamos a ver se a sepultura,
Nos faz o mesmo, Coração!
Adeus, Planeta! adeus, ó Lama!
Que a ambos nós vaes digerir.
Meu Coração, a *Velha* chama,
Meu Coração, a *Velha* chama:
Basta, por Deus! vamos dormir...

Coimbra, 1888.

Menino e Moço

Tombou da haste a flôr da minha infancia alada.
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
Voou aos altos Céus a pomba enamorada
Que d'antes estendia as azas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz d'essa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa vizão de luar que vivia encantada,
N'um castello com torres de marfim!

Mas, hoje, as pombas de oiro, aves da minha infancia,
Que me enchiam de Lua o coração, outrora,
Partiram e no Céu evolam-se, a distancia!

Debalde clamo e choro, erguendo aos Céus meus ais:
Voltam na aza do Vento os ais que a alma chora,
Ellas, porém, Senhor! ellas não voltam mais...

Leça, 1885.

O Somno de João

O João dorme... (Ó Maria,
Dize áquella cotovia
Que falle mais devagar:
Não vá o João, acordar...)

Tem só um palmo de altura
E nem meio de largura:
Para o amigo orangotango
O João seria... um morango!
Podia engulil-o um leão
Quando nasce! As pombas são
Um poucochinho maiores...
Mas os astros são menores!

O João dorme... Que regalo!
Deixal-o dormir, deixal-o!
Callae-vos, agoas do moinho!
Ó Mar! falla mais baixinho...
E tu, Mãe! e tu, Maria!
Pede áquella cotovia
Que falle mais devagar:
Não vá o João, acordar...

O João dorme, o Innocente!
Dorme, dorme eternamente,
Teu calmo somno profundo!
Não acordes para o Mundo,
Pode levar-te a maré:
Tu mal sabes o que isto é...

Ó Mãe! canta-lhe a canção,
Os versos do teu Irmão:
"Na vida que a Dôr povoa,
Ha só uma coisa boa,
Que é dormir, dormir, dormir...
Tudo vae sem se sentir."

Deixa-o dormir, até ser
Um velhinho... até morrer!

E tu vel-o-ás crescendo
A teu lado (estou-o vendo
João! que rapaz tão lindo!)
Mas sempre sempre dormindo...

Depois, um dia virá
Que (dormindo) passará
Do berço, onde agora dorme,
Para outro, grande, enorme:
E as pombas que eram maiores
Que João... ficarão menores!

Mas para isso, ó Maria!
Dize áquella cotovia
Que falle mais devagar:
Não vá o João, acordar...

E os annos irão passando.

Depois, já velhinho, quando
(Serás velhinha tambem)
Perder a côr que, hoje, tem,
Perder as côres vermelhas
E fôr cheiinho de engelhas,
Morrerá sem o sentir,
Isto é, deixa de dormir:
Acorda e regressa ao seio
De Deus, que é d'onde elle veio...

Mas para isso, ó Maria!
Pede áquella cotovia
Que falle mais devagar:

Não vá o João, acordar...

Paris, 1891.

Sonetos

1

Em horas que lá vão, molhei a penna
Na chaga aberta d'esse corpo amado,
Mas n'uma chaga a suppurar gangrena,
Cheia de puz, de sangue já coalhado!

E depois, com a mão firme e serena,
Compuz este Missal d'um Torturado:
Talvez choreis, talvez vos faça pena...
Chorae! que immenso tenho eu já chorado.

Abrio-o! Orae com devoção sincera!
E, á leitura final d'uma oração,
Vereis cair no solo uma chymera:

Moços do meu paiz! vereis então
O que é esta Vida, o que é que vos espera...
Toda uma Sexta-feira de Paixão!

Coimbra, 1889.

2

Em certo Reino, á esquina do Planeta,
Onde nasceram meus Avós, meus Paes,
Ha quatro lustres, viu a luz um poeta
Que melhor fôra não a vêr jamais.

Mal despontava para a vida inquieta,
Logo ao nascer, mataram-lhe os ideaes,
Á falsa-fé, n'uma traição abjecta,
Como os bandidos nas estradas reaes!

E, embora eu seja descendente, um ramo
D'essa arvore de Heroes que, entre perigos
E guerras, se esforçaram pelo Ideal:

Nada me importas, Paiz! seja meu Amo
O Carlos ou o Zé da Th'reza... Amigos,
Que desgraça nascer em Portugal!

Coimbra, 1889.

3

Na praia lá da Boa Nova, um dia,
Edifiquei (foi esse o grande mal)
Alto Castello, o que é a phantasia,
Todo de lapis-lazzuli e coral!

N'aquellas redondezas, não havia
Quem se gabasse d'um dominio egual:
Oh Castello tão alto! parecia
O territorio d'um Senhor-feudal!

Um dia (não sei quando, nem sei d'onde)
Um vento secco de Deserto e spleen
Deitou por terra, ao pó que tudo esconde,

O meu condado, o meu condado, sim!
Porque eu já fui um poderozo Conde,
N'aquela idade em que se é conde assim...

Porto, 1887.

4

Ó Virgens que passaes, ao Sol-poente,
Pelas estradas ermas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente,
Que me transporte ao meu perdido Lar.

Cantae-me, n'essa voz omnipotente,
O Sol que tomba, aureolando o Mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a Graça, a formozura, o luar!

Cantae! cantae as limpidas cantigas!
Das ruinas do meu Lar desatterrae
Todas aquellas illuzões antigas

Que eu vi morrer n'um sonho, como um ai...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me n'essa voz... Cantae!

Porto, 1886.

5

Iamos sós pela floresta amiga,
Sob o incenso da Lua que se evola,
Olhos nos Céus, modesta rapariga!
Como as crianças ao sair da escola.

Em teus olhos já meigos de fadiga,
Semi-cerrados como o olhar da rola,
Eu ia lendo essa ballada antiga
D'uns noivos mortos ao cingir da estola...

A Lua-a-Branca, que é tua Avozinha,
Cobria com os seus os teus cabellos
E dava-te um aspecto de velhinha!

Que linda eras, o luar que o diga!
E eu compondo estes versos, tu a lel-os,
E ambos scismando na floresta amiga...

Porto, 1884.

6

Os meus peccados, Anjo! os meus peccados!
Contar-t'os para que, se não têm fim?
Sou sancto ao pé dos outros desgraçados,
Mas tu és mais que sancta ao pé de mim.

A ti accendo cyrios perfumados,
Faço novenas, queimo-te alecrim,
Quando soffro, me vejo com cuidados...
Nas tuas rezas, lembra-te de mim!

Que eu seja puro d'alma e pensamento!
E que, em dia do grande Julgamento,
Minhas culpas não sejam de maior:

Pois tenho (que o Céu tudo aponta e marca)
Um processo a correr n'essa comarca,
Cujo delegado é Nosso Senhor...

Hamburgo, 1891.

7

Meus dias de rapaz, de adolescente,
Abrem a bôca a bocejar sombrios:
Deslizam vagarozos, como os Rios,
Succedem-se uns aos outros, egualmente.

Nunca desperto de manhã, contente.
Pallido sempre com os labios frios,
Oro, desfiando os meus rozarios pios...
Fôra melhor dormir, eternamente

Mas não ter eu aspirações vivazes,
E não ter, como têm os mais rapazes,
Olhos boiando em sol, labio vermelho!

Quero viver, eu sinto-o, mas não posso:
E não sei, sendo assim emquanto moço,
O que serei, então, depois de velho.

Bellos-Ares, 1889.

8

Poveirinhos! meus velhos Pescadores!
Na Agoa quizera com Vocês morar:
Trazer o grande gorro de tres côres,
Mestre da lancha *Deixem-nos passar!*

Far-me-ia outro, que os vossos interiores,
De ha tantos tempos, devem já estar
Calafetados pelo breu das Dores,
Como esses pongos em que andaes no Mar!

Ó meu Pae, não ser eu dos poveirinhos!
Não seres tu, para eu o ser, poveiro,
Mail-Irmão do "Senhor de Mattozinhos!„

No alto mar, ás trovoadas, entre gritos,
Promettermos, *si o barco fóri intieiro,*
Nossa bela á Sinhora dos Afflictos!

Leça, 1889.

9

Quando vem Junho e deixo esta cidade,
Batina, *Caes*, tuberculozos Céus,
Vou para o Seixo, para a minha herdade:
Adeus, cavaco e luar! choupos, adeus!

Tomo o regimen do Sr. Abbade,
E faço as pazes, elle o quer, com Deus.
No seu direito olhar vejo a bondade,
E ás capelinhas vou vêr os Judeus.

Que homem sem par! Ignora o que são dores!
Para elle uma ramada é o pallio verde,
Os cachos d'uvas são as suas flores!

Ao seu passal chama elle o Mundo todo...
Sr. Abbade! olhe que nada perde:
Viva na Paz, ahi, longe do lodo.

Coimbra, 1890.

10

Longe de ti, na cella do meu quarto,
Meu copo cheio de agoirentas fezes,
Sinto que rezas do Outro-mundo, harto,
Pelo teu filho. Minha Mãe, não rezes!

Para fallar, assim, vê tu! já farto,
Para me ouvires blasphemar, ás vezes,
Soffres por mim as dores crueis do parto
E trazes-me no ventre nove mezes!

Nunca me houvesses dado á luz, Senhora!
Nunca eu mamasse o leite aureolado
Que me fez homem, magica bebida!

Fôra melhor não ter nascido, fôra,
Do que andar, como eu ando, degredado
Por esta Costa d'Africa da Vida.

Coimbra, 1889.

11

Altos pinheiros septuagenarios
E ainda empertigados sobre a serra!
Sois os Enviados-extraordinarios,
E embaixadores d'El-Rey Pan, na Terra.

Á noite, sob aquelles lampadarios,
Conferenciaes com elle... Ha paz? Ha guerra?
E tomam notas vossos secretarios,
Que o *Livro Verde* secular encerra.

Hirtos e altos, Tayllerands dos montes!
Tendes a linha, não vergaes as frontes
Na exigencia da Côrte, ou beija-mão!

Voltaes aos Homens com desdem a face...
Ai oxalá! que Pan me despachasse
Addido á vossa extranha Legação!

Coimbra, 1888.

12

Não repararam nunca? Pela aldeia,
Nos fios telegraphicos da estrada,
Cantam as aves, desde que o Sol nada,
E, á noite, se faz sol a Lua cheia.

No entanto, pelo arame que as tenteia,
Quanta tortura vae, n'uma ancia alada!
O Ministro que joga uma cartada,
Alma que, ás vezes, d'Além-Mar anceia:

— Revolução! — Inutil. — Cem feridos,
Setenta mortos. — Beijo-te! — Perdidos!
— Emfim, feliz! — ? — ! — Desesperado. — Vem

E as boas aves, bem se importam ellas!
Continuam cantando, tagarellas:
Assim, Antonio! deves ser tambem.

Colonia, 1891.

13

Falhei na Vida. Zut! Ideaes caidos!
Torres por terra As arvores sem ramos!
Ó meus amigos! todos nós falhamos...
Nada nos resta. Somos uns perdidos.

Choremos, abracemo-nos, unidos!
Que fazer? Porque não nos suicidamos?
Jezus! Jezus! Rezignação ... Formamos
No Mundo, o Claustro-pleno dos Vencidos.

Troquemos o burel por esta capa!
Ao longe, os sinos mysticos da Trappa
Clamam por nós, convidam-nos a entrar:

Vamos semear o pão, podar as uvas,
Pegae na enxada, descalçae as luvas,
Tendes bom corpo, Irmãos! Vamos cavar!

Coimbra, 1889.

14

Vou sobre o Oceano (o luar de doce enleva!)
Por este mar de Gloria, em plena paz.
Terras da Patria somem-se na treva,
Agoas de Portugal ficam, atraz.

Onde vou eu? Meu fado onde me leva?
Antonio, onde vaes tu, doido rapaz?
Não sei. Mas o Vapor, quando se eleva,
Lembra o meu coração, na ancia em que jaz.

Ó Luzitania que te vaes á vela!
Adeus! que eu parto (rezarei por ella)
Na minha *Nau Catharineta*, adeus!

Paquete, meu Paquete, anda ligeiro,
Sobe depressa á gavea, Marinheiro,
E grita, França! pelo amor de Deus!

Oceano Atlantico, 1890.

15

O meu beliche é tal qual o bercinho
Onde dormi horas que não vêm mais.
Dos seus embalos já estou cheiinho:
Minha velha Ama são os vendavaes!

Uivam os Ventos! Fumo, bebo vinho.
O Vapor treme! Abraço a *Biblia*, aos ais...
Covarde! Que dirão (eu adivinho)
Os Portuguezes? Que dirão teus Paes?

Coragem! Considera o que has soffrido,
O que soffres e o que ainda soffrerás,
E vê, depois, se accaso é permittido

Tal medo á Morte, tanto apego ao Mundo:
Ah! fôra bem melhor, vás onde vás,
Antonio, que o paquete fosse ao fundo!

Golpho de Biscaia, 1891.

16

Aqui, sobre estas agoas côr de azeite,
Scismo em meu Lar, na paz que lá havia:
Carlota, á noite, ia ver se eu dormia
E vinha, de manhã, trazer-me o leite.

Aqui, não tenho um unico deleite!
Talvez... baixando, em breve, á Agoa fria,
Sem um beijo, sem uma *Ave-Maria*,
Sem uma flôr, sem o menor enfeite!

Ah podesse eu voltar á minha infancia!
Lar adorado, em fumos, a distancia,
Ao pé de minha Irmã, vendo-a bordar:

Minha velha Aia! conta-me essa historia
Que principiava, tenho-a na memoria,
"Era uma vez..."
Ah deixem-me chorar!

Canal da Mancha, 1891.

17

Vaidade, meu Amor, tudo Vaidade!
Ouve: quando eu, um dia, fôr alguem,
Tuas amigas ter-te-ão amizade,
(Se isso é amizade) mais do que, hoje, têm.

Vaidade é o Luxo, a Gloria, a Caridade,
Tudo Vaidade! E, se pensares bem,
Verás, perdoa-me esta crueldade,
Que é uma vaidade o amor de tua Mãe.

Vaidade! Um dia, foi-se-me a Fortuna
E eu vi-me só no Mar com minha escuna,
E ninguem me valeu na tempestade!

Hoje, já voltam com seu ar composto,
Mas eu, vê lá! eu volto-lhes o rosto...
E isto em mim não será uma vaidade?

Mar do Norte, 1891.

18

E a Vida foi, e é assim, e não melhora.
Esforço inutil. Tudo é illuzão.
Quantos não scismam n'isso mesmo a esta hora
Com uma taça, ou um punhal na mão!

Mas a Arte, o Lar, um filho, Antonio? Embora!
Chymeras, sonhos, bolas de sabão.
E a tortura do *Além* e quem lá mora!
Isso é, talvez, minha unica afflicção.

Toda a dôr pode supportar-se, toda!
Mesmo a da noiva morta em plena boda,
Que por mortalha leva... essa que traz.

Mas uma não: é a dôr do pensamento!
Ai quem me dera entrar n'esse convento
Que ha além da Morte e que se chama *A Paz!*

Paris, 1891.

Elegias

A SOMBRA

Não tarda a sombra, ahi. Vae alto o Sete-Estrello
São horas d'ella vir. Minha alma, attende!
Que já a Lua, a sentinella, rende
Na esplanada do Céu, ás portas do Castello...

Oiço um rumor: talvez... Eil-a, é ella: ao longe, avisto
Seu vulto em flôr: postas as mãos no seio,
Com o cabello separado ao meio,
Todo caido para traz, como o de Christo!

Sorri. Que linda vem, Jezus! Que bem vestida!
Quantas lembranças d'este peito arranco!
Foi assim que primeiro a vi, de branco,
Foi n'esse traje que ella sempre andou, em vida!

Que luz projecta! Que explendor! Parece dia!
Os gallos cantam, annunciando a aurora...
Ide deitar-vos que ainda não é a hora,
Dorme o teu somno, socegada, ó cotovia!

Mas vós, ó pedras, affastae-vos, que ella passa!
Silencio, rouxinoes, eu quero ouvil-a...
Terá ainda a mesma voz tranquilla?
Ah! ainda é o mesmo o seu andar, cheio de Graça...

Mas ao passar por mim, como d'algum perigo,
Foge. (Talvez, já seja tarde...) Ó Clara!
Nuvem! Phantasma! Ouve-me! Pára!...
E oiço a voz d'ella n'um murmurio:
"Anda commigo...„

Coimbra, 1888.

Pobre Tysica!

Quando ella passa á minha porta,
Magra, livida, quazi morta,
E vae até á beira-mar,
Labios brancos, olhos pizados:
Meu coração dobra a finados,
Meu coração põe-se a chorar.

Perpassa leve como a folha,
E, suspirando, ás vezes, olha
Para as gaivotas, para o Ar:
E, assim, as suas pupillas negras
Parecem duas toutinegras,
Tentando as azas para voar!

Veste um habito côr de leite,
Saiinha liza, sem enfeite,
Boina maruja, toda luar:
Por isso, mal na praia alveja,
As mais suspiram com inveja:
"Noiva feliz, que vaes cazar..."

Triste, acompanha-a um *Terra-Nova*
Que, dentro em pouco, á fria cova
A irá de vez acompanhar...
O chão desnuda com cautella,
Que *Boy* conhece o estado d'ella:
Quando ella tosse, põe-se a uivar!

E, assim, sózinha com a aia,
Ao Sol, se assenta sobre a praia,
Entre os bébés, que é o seu logar.
E o Oceano, tremulo avôzinho,
Cofiando as barbas côr de linho,
Vem ter com ella a conversar.

Fallam de sonhos, de anjos, e elle
Falla d'amor, falla d'aquelle
Que tanto e tanto a faz penar...
E o coração parte-se todo,
Quando a sorrir, com tão bom modo,
O Mar lhe diz: "Ha-de sarar..."

Sarar? Mizerrima esperança!
Padres! ungi essa criança,
Podeis sua alma encommendar:
Corpinho d'anjo, casto e inerme,
Vae ser amada pelo Verme,
Os bichos vão-na desfructar.

Sarar? Da côr dos alvos linhos,
Parecem fuzos seus dedinhos,
Seu corpo é roca de fiar...
E, ao ouvir-lhe a tosse secca e fina,
Eu julgo ouvir n'uma officina
Taboas do seu caixão pregar!

Sarar? Magrita como o junco,
O seu nariz (que é grego e adunco)
Começa aos poucos de afilar,
Seus olhos lançam igneas chammas:
Ó pobre Mãe, que tanto a amas,
Cautella! O Outomno está a chegar...

Leça, 1889.

S.ta Iria

QUE FLORESCEU EM NABANCIA NO SECULO VII

N'um rio virginal d'agoas claras e mansas,
Pequenino baixel, a Sancta vae boiando.
Pouco e pouco, dilue-se o oiro das suas tranças
E, diluido, vê-se as agoas aloirando.

Circumda-a um resplendor de verdes Esperanças.
Unge-lhe a fronte o luar (os Sanctos-Oleos) brando.
E, com a Graça etherea e meiga das crianças,
Formoza Iria vae boiando, vae boiando...

Os cravos e os jasmins abrem-se á luz da Lua,
E, ao verem-na passar, phantastica barquinha,
Murmuram entre si: "É um marmor que fluctua!„

Ella entra, emfim, no Oceano... E escuta-se, ao luar,
A mãe do Pescador, rezando a ladainha
Pelos que andam, Senhor! sobre as agoas do Mar...

Leça, 1885.

Enterro de Ophelia

Morreu. Vae a dormir, vae a sonhar... Deixal-a!
(Fallae baixinho: agora mesmo se ficou...)
Como Padres orando, os choupos formam ala,
Nas margens do ribeiro onde ella se afogou.

Toda de branco vae, n'esse habito de opala,
Para um convento: não o que o Hamlet lhe indicou,
Mas para um outro, olhae! que tem por nome *Valla*,
D'onde jámais saiu quem, lá, uma vez entrou!

O doce Pôr-do-Sol, que era doido por ella,
Que a perseguia sempre, em palacio e na rua,
Vêde-o coitado! mal pode suster a vela...

Como damas de honor, Nymphas seguem-lhe os rastros,
E, assomando no Céu, sua Madrinha, a Lua,
Por ella vae desfiando as suas contas, Astros!

Leça, 1888.

Na Estrada da Beira

Vae em seis mezes que deixei a minha terra
E tu ficaste lá, mettida n'uma serra,
Boa velhinha! que eras mais uma criança.
Mas tão longe de ti, n'este Payz de França,
Onde mal viste, então, que eu viesse parar,
Vejo-te, quanta vez! por esta sala a andar.
Bates. Entreabres de mansinho a minha porta.
Virás tratar de mim, ainda depois de morta?
Vens de tão longe! E fazes, só, essa jornada!
Ajuda-te o bordão que te empresta uma fada.
Altas horas, emquanto o bom coveiro dorme,
Escapas-te da cova e vens, Bondade enorme!
Através do Marão que a Lua-cheia banha,
Atravessas, sorrindo, a mysteriosa Hespanha,
Perguntas ao pastor que anda guardando o gado,
(E as fontes cantam e o Céu é todo estrellado)
Para que banda fica a França, e elle, a apontar,
Diz: "Vá seguindo sempre a minha estrella, no Ar!"
E ha-de ficar scismando, ao ver-te assim, velhinha,
Que és tu a Virgem disfarçada em pobrezinha.
Mas tu sorrindo sempre, olhando sempre os Céus,
Deixando atraz de ti, os negros Pyrineus,
Sob os quaes rola a Humanidade, nos Expressos,
Em certo dia ao fim de tantos (conto-os, meço-os!)
Vindo de villa em villa, e mais de serra em serra,
Chegas!
E cae e cae no soalho alguma terra:

Tua cova que vem pegada aos teus vestidos!
O Lua do Ceguinho! Amparo dos vencidos!
Alpendre do Perdão! ó Piedade! ó Clemencia!
Singular fado o nosso, extranha coincidencia:
Deixamos nossa Patria ao mesmo tempo: tu,
Adentro d'um caixão, que era tambem bahu,
Onde levavas as desgraças d'esta Vida;
Eu num paquete sobre a vaga enraivecida
(Sob a qual, entretanto, havia a paz das loizas)
E n'elle o esquife do meu Lar, as minhas coizas,
E mais tu sabes Sancta! um saço de Mizerias!
Mas a Existencia é um dia, esta vida são ferias
E, mal acabem, te verei de novo... em breve!
E tu de novo me verás...

Ah! como deve
Ser frio esse teu lar debaixo da terra
Que teu cadaver de oiro ainda intacto encerra:
Ainda intacto e sempre: disse-me o coveiro
Que a tua cova era a unica sem cheiro...
E assim te deixo, Sancta! Sancta! ao abandono,
Só, aos cuidados das corujas e do Outomno!
Com este frio, horror! Senhora da Piedade!
Sem uma mão amiga e cheia de bondade
Que te agazalhe e faça a dobra do lençol,
Que abra a janella para tu veres o Sol,
Que, logo de manhã, venha trazer-te o leite
E, á noite, a lamparina esmalte com azeite!
Sem uma voz que vá ao pé da tua loiza,
Ancioza, perguntar se queres alguma coiza,
Cobrir-te, dar-te as boas-noites... Sem ninguem!
Ai de ti! ai de ti! minha segunda Mãe!

Dobra em meu coração o sino da Saudade.

Aqui, no meio d'esta fria soledade,
Evoco a Coimbra triste, em seu aspecto moiro:
Entro, chapéu na mão, em tua Caza d'Oiro,

Em frente a um cannavial, cheio de rouxinoes,
Que era nervozo de mysterio, ao pôr-dos-soes.
Vejo o teu Lar e a ti, tão pura, tão singella,
E vejo-te a sorrir, e vejo-te á janella,
Quando eu seguia para as aulas, manhã cedo,
Ancioza, olhando d'entre as folhas do arvoredo,
Olhando sempre até eu me sumir, a olhar,
Que ás vezes não me fosse um carro atropelar.
Vejo o meu quarto de dormir, todo caiado,
D'onde ouvia arrulhar as pombas no telhado;
Oiço o relogio a dar as horas vagamente,
Devagar, devagar, como os ais d'um doente;
Vejo-te á noite, pelas noites de Janeiro,
Na sala a trabalhar, á luz do candieiro,
Mais vejo o Emilio, indo a tactear, quazi sem vista,
Mas que lembrava com seus olhos de ametysta,
Meio cerrados, como ao Sol uma janella,
Que lindos olhos! uma pomba de *Ramella!*
E andava á solta pela caza, não fugia,
Que aos livres ares o cazulo preferia.
Mais vejo Aquella, cujo olhar são pyrilampos,
Que tem o nome da mais linda flor dos campos,
Que tem o nome que tiveste... Vejo-a, ainda,
Como se hontem fosse, a Margareth, tão linda!
Vejo-a passar, sorrindo, e faz-me assim lembrar
No seu vestido rubro, uma papoila a andar.
Mais te vejo ainda ungir d'affagos minhas penas,
Mais te vejo voltar, á tarde, das novenas;
Mais oiço os sinos a dobrar, em *Sancta Clara,*
E tu encomendando a alminha que voara...
Mais vejo os meus Contemporaneos, pela *Estrada,*
As capas destraçando, ao verem-te á saccada;
Mais vejo o Ruy, na sua farda de artilheiro,
E tu mirando-o (o que são mães!) o dia inteiro!
Mais vejo o Sol, aurea cabeça do Senhor,
Mais vejo os cravos, notas de clarim em flor!
Mais vejo no quintal as papoilas vermelhas,
Mais vejo o lar das andorinhas, sob as telhas,

Mais oiço o tanque a soluçar soluços d'agoa,
Mais oiço as rãs, coaxando á noite a sua Magoa,
Mais vejo o figueiral todo cheio de figos,
Mais vejo a tua mão a dal-os aos mendigos;
Mais oiço os guizos, ao passar da mala-posta,
Mais vejo a sala de jantar, a meza-posta,
E tu, Senhora! prezidindo, á cabeceira,
E (o que a distancia faz!) vejo-te na cadeira,
Com uma touca preta a cobrir-te os cabellos,
Que eram de neve, aos caracoes, estou a vel-os!
(Hei-de ir cortar-t'os, alta noite, ao cemiterio)
Mais vejo o Vasco sempre triste, sempre sério,
D'um lado e eu de outro...

Que abençoado refeitorio!

Mas tudo passa n'este Mundo tranzitorio.
E tudo passa e tudo fica! A Vida é assim
E sel-o-á sempre pelos seculos sem fim!
Ainda vejo a tua caza, e oiço os teus gritos
(Mas nas janelas e na porta vejo escriptos.)
O Vasco é ainda sempre triste, sempre serio
(Mas mais ainda quando vem do cemiterio.)
Meu quarto de dormir vejo-o no mesmo estado
(Mas não sei que é, não me parece tão caiado.)
A janella ainda tem o mesmo parapeito
(Mas já não sou "o estudantinho de Direito.„)
Na sala de jantar ainda se estende a meza
(Mas já não tem a meza-posta, a sobremeza.)
Vejo o relogio na parede como outr'ora
(Mas o ponteiro marca ainda a mesma hora.)
O candieiro ainda tem o petroleo e a torcida
(Mas apagou-se a luz a quando a tua vida.)
A diligencia passa, á tardinha, a tinir,
(Mas já não tem os olhos teus para a seguir...)
Passam ainda pela *Estrada* os estudantes
(Mas não destraçam suas capas, como d'antes.)

Vêm da novena ainda as moças e as donzellas
(Mas procuro-te, em vão, já não te vejo entre ellas.)
As andorinhas ainda têm o mesmo fito
(Mas já fizeram trez jornadas ao Egypto.)
Ainda dobra por defuntos e defuntas
(Mas não te vejo a ti a rezar de mãos juntas.)
Ainda lá está o figueiral com figos,
(Mas não a tua mão a dal-os aos mendigos...)
O Ruy ainda traz a farda de soldado
(Mas, agora já põe mais divizas, ao lado.)
As rãs coaxam ainda á noite, á beira d'agoa,
(Mas já não têm quem peça a Deus por essa Magoa.)
O Emilio tem ainda esse olhar que maravilha,
(Mas, com seus olhos d'hoje, é uma pombinha da *Ilha*.)
Ainda lá estão os cravos, no jardim,
(Mas já não são as mesmas notas de clarim.)
Ainda oiço o tanque a soluçar a sua magoa
(Mas já não acho tão branquinha a sua agoa.)
A Margareth ainda é a papoila de outr'ora
(Mas a papoila... já está uma senhora!)
Ainda lá estão as papoilas em flor
(Mas a Velhinha já não vae de regador...)
Meu coração é ainda o Valle de Gangrenas
(Mas já não tenho quem lhe plante as açucenas.)
Vive ainda o Sol, vivo eu ainda... (Mas tu morreste!)
Tudo ficou, tudo passou...

Que mundo este!

Paris, 1891.

Ca (ro) Da (ta) Ver (mibus)

Memoria
A J. d'Oliveira Macedo
Eduardo Coimbra, Antonio Fogaça

Ás horas do crepusculo, ao *Bemdito*,
Quando a Lua, formoza leiteirinha,
Vae dar o leite ás cazas do Infinito;

Ás horas das *Trindades*, á noitinha,
Quando ha milagres e sublimes Couzas
E concebe seus filhos a andorinha...

Quando, em convento, as leaes Religiozas,
Tristes, se envolvem n'um burel de magoa
E os cravos noivam com as suas Rozas;

Quando o luar do Céu azula a fragoa,
E o Céu sem fim, a abobada estrellada,
Como que tem os olhos razos de agoa;

N'essa hora indeciza, angustiada,
Em que o Universo está, meio ás escuras,
Que não se sabe se é antes a alvorada;

Eu pude ver, erguendo-se ás alturas,
Aquella benta lagryma de pranto
Que despedem, morrendo, as criaturas.

E ao vir de noite, com nervozo e espanto,
Vi uma estrella a mais no azul do Céu:
É que um poeta, que era justo e sancto,

Ás horas do crepusculo... morreu!
O simples coração de Julieta
Dentro da alma virgem de Romeu!

Uma criação de Deus, mas incompleta:
Aguia que tinha um coração de pomba,
Cedro que dava folhas de violeta!

Ah, quando vejo alguma flôr que tomba
Meu coração não pode e em sua dor,
Escarnece do Bem, de tudo zomba!

Eulalia, era o seu primeiro amor,
Aos Ventos, aos relampagos, ficou
N'este Valle de Lagrymas, Senhor!

Quem lhe dera a mortalha que levou
Toda bordada de cabello loiro
Da mystica Menina que elle amou!

Vêde-a, acolá, chorando o seu Thesoiro,
Na janella que deita para o Mar,
Soltas ao Vento as suas tranças de oiro!

Ó meu amado Sete-Estrello, e, ó Luar,
Vinde pôr velas, vinde d'ahi comnosco,
Ó boas Ursas! ó Trapezio do Ar!

Ó aves, que trazeis Março comvosco,
São nupcias! enfeitae o vosso ninho,
Com as hervas do seu tumulo tosco!

Vós, pombas de marfim, aves de linho,
Que ides tão alto, divagando errantes,
Quazi mortas, perdidas no caminho:

Do Vento sobre as velas almirantes
Prendei a aza e, assim, acompanhae
O cantador que vos cantava d'antes!

Elle precorre victoriozo, olhae!
Entre immensas espumas de andorinhas
O Outro-mundo, e que ligeiro vae!

Dizem-lhe adeus da Terra as criancinhas,
Co'as tranças a acenar, mandam-lhe abraços
E beijos com as pallidas mãozinhas.

Mas elle lá vae indo nos Espaços,
Sendo a sua alma uma subtil galera
Com leves remos de marfim (tem braços.)

—Onde vae elle? a que ditoza esphera
Velhinha Morte a sua alma guia?...
Que vida immensa, lá no Céu, o espera

Para ganhar o pão de cada dia
Cuidará da lavoira, mais das flores,
Lavrando as terras da Virgem Maria!

Longe dos homens maus, dos peccadores,
N'uma herdade do Céu, entre charruas,
A cavar entre simples lavradores,

Semeando Estrellas e plantando Luas...
E ainda o choram, que feliz desgosto!
O Vento passa a uivar por essas ruas...

E um oleo que sem chimica é composto,
Tomba de Cima; é a Extrema-Uncção da Morte
Que lhe unge as magras mãos e mais o rosto.

E choraes! Quem vos dera a sua sorte!
Porque é que vos carpis, agoas da fonte?
Não chores, calla a bocca, vento Norte!

Callae-vos vós tambem, cannas do Monte,
Não sei para que estaes com essas fallas,
Nem tu, ó Mar, com taes rugas na fronte!

Vê lá, fazes favor, vê se te callas:
Basta que chore Eulalia... a Mãe doente
E os seus amigos... aos cantos das sallas...

Formozo, branco, meigo, ainda innocente,
Vaes-te a dormir na tua caza nova
Cem seculos ou mais... provavelmente.

Que funda te fizeram essa cova!
E tão pequeno és, minha criança!
Têm medo que tu fujas... é o que prova.

Dorme o teu somno na ultima esperança
Eterna como os seculos e as flores,
P'ra todo o sempre, minha flor! descança...

Ah, nem tigres, nem aguias, nem condores,
Abrem as campas, lugubres cavernas:
O coveiro é o melhor dos constructores!
As suas covas são cazas eternas.

Leça, 1885.

Certa Velhinha

1

Além, na tapada das *Quatorze Cruzes*,
Que triste velhinha que vae a passar!
Não leva candeia; hoje, o Ceu não tem luzes...
Cautella Velhinha, não vás tropeçar!

Os Ventos entoam cantigas funestas,
Relampagos tingem de vermelho o Azul!
Aonde irá ella, n'uma noite d'estas,
Com Vento da *Barra* puxado do Sul?

Aonde irá ella, pastores! boieiras!
Aonde irá ella, n'uma noite assim?
Se fôr um Phantasma, fazei-lhe fogueiras,
Se fôr uma Bruxa, queimae-lhe alecrim!

Contava-me Aquella que a tumba já cerra,
Que Nossa Senhora, quando a chama alguem,
Escolhe estas noites p'ra descer á Terra,
Porque em noites d'estas não anda ninguem...

Além, na tapada das *Quatorze Cruzes*,
Que linda velhinha que vem a passar!
E que olhos aquelles que parecem luzes!
Quaes velas accezas que a vêm a guiar...

Que pobre capinha que leva de rastros,
Tão velha, tão rôta! que triste viuvez!
Mas se lhe dá vento, meu Deus! tantos astros!
É o Céu estrellado vestido do envez...

Seu alvo cabello, molhado das chuvas,
Parece uma vinha de luar em flor:
Oh cabello em cachos, como cachos de uvas!
Só no Céu ha uvas com aquella cor.

A luz dos seus olhos é uma luz tamanha
Que ao redor espalha perfeito clarão!
Parece que chove luar na montanha...
Que noite de inverno que parece verão!

Além, na tapada das *Quatorze Cruzes*,
Velhinha tão alta que vem a chegar!
Parece uma Torre côada de luzes!
Ou antes a *Torre de Marfim*, a andar!

Não! Não é uma Torre côada de luzes,
Nem antes a *Torre de Marfim*, a andar,
Que pela tapada das *Quatorze Cruzes*,
N'uma noite d'estas, eu vejo passar.

Tambem não é, ouve, minha velha ama!
Como tu contavas, a Virgem de Luz:
Digo-te ao ouvido como ella se chama,
Mas guarda segredo, que é...
—Jezus! Jezus!

2

Além, na tapada das *Quatorze Cruzes*,
Já não é a Velhinha que vae a passar:
Um grande cortejo cheiinho de luzes,
Anninhas da Eira que vae a enterrar.

UM PASTOR FALLA:

"Anninhas da Eira! Anninhas da Eira!
Cantae, raparigas, cantae e chorae!
Morreu, coitadinha! sorrindo, trigueira,
Como um passarinho, sem soltar um ai.

" Quando era pequeno, levava-me á escola,
E quando, mais tarde, cresci e medrei,
Oh danças nas eiras, ao som da viola!
Nas danças de roda, que beijos lhe dei!

" Os annos vieram, os annos passaram,
Meu fado arrastou-me, da aldeia sai:
Nunca mais meus olhos seus olhos tocaram,
Perdi-a de todo, nunca mais a vi.

" E além, na tapada das *Quatorze Cruzes*,
N'uma noite d'estas com vento a ventar,
Ó meu Deus! é ella que vae entre luzes!
Ó meu Deus! é a Anninhas que vae a enterrar!

" Olá! bons senhores, vestidos de preto,
Deixae a defunta, que a levarei eu!
O suor alaga-vos, eu levo o carreto...
O caixão de Anninhas é tambem o meu!

" Tenho os relampagos, deixae-me sem velas
A rezar por ella, sob o temporal!
Cai-me no peito, cravae-m'as, procellas!
Cruzes da tapada, em forma de punhal! „

Mas os bons senhores, de preto vestidos,
Cigarros accezos, e velas na mão,
Lá passam ao Vento, com sete sentidos.
Com medo que, ás vezes, não seja um ladrão...

" Mãos das ventanias! mãos das ventanias!
Tirae-lhes a Anninhas e levae-a a Deus!
Com suas mãozinhas, agora tão frias,
Irá na viagem a dizer-me adeus...

Ó Vento que passas! corcel de rajada!
Assenta-nos ambos no mesmo selim:
Quero ir mais ella na longa jornada...
Quero ir com Anninhas pelo Céu sem fim!

"Ó Leste, que trazes as rolas, ás costas,
Quaes rolas, leva-nos aos pés do Senhor!
Quero ir como ella, assim de mãos postas...
Quero ir com Anninhas para onde ella for!

"Ó Norte dos Março! ó Sul das procellas,
Levae-nos quaes brigues, como azas, levae!
Levae-nos como aguias, levae-nos quaes velas...
Quero ir com Anninhas para onde ella vae!"

3

Além, na tapada das *Quatorze Cruzes*,
Que triste velhinha que vae a passar!
E que olhos aquelles que parecem luzes...
Aonde irá ella? Quem irá buscar?

Paris, 1891.

Males de Anto

I

A ARES N'UMA ALDEIA

Quando cheguei, aqui, Sancto Deus! como eu vinha!
Nem mesmo sei dizer que doença era a minha,
Porque eram todas, eu sei lá! desde o Odio ao Tedio.
Molestias d'Alma para as quaes não ha remedio.
Nada compunha! Nada, nada. Que tormento!
Dir-se-ia accazo que perdera o meu talento:
No entanto, ás vezes, os meus nervos gastos velhos,
Convulsionavam-nos relampagos vermelhos,
Que eram, bem o sentia, instantes de Camões!
Sei de cór e salteado as minhas afflicções:
Quiz partir, professar n'um convento de Italia,
Ir pelo Mundo, com os pés n'uma sandalia...
Comia terra, embebedava-me com luz!
Extasis, spasmos da Thereza de Jesus!
Contei n'aquelle dia um cento de desgraças.
Andava, á noite, só, bebia a Noite ás taças.
O meu cavaco era o dos Mortos, o das Loizas.
Odiava os Homens ainda mais, odiava as Coizas.
Nojo de tudo, horror! Trazia sempre luvas
(Na aldeia, sim!) para pegar n'um cacho d'uvas,
Ou n'uma flôr. Por cauza d'essas mãos... Perdoae-me
Aldeões! eu sei que vós sois puros. Desculpae-me.

Mas, atravez da minha dôr, da tempestade,
Sentia renascer minha antiga bondade
N'esta alma que a perdera. Achava-me melhor.
Aos pobrezinhos enxugava-lhes o suor.

A minha bolsa pequenina, de estudante,
Era p'rós pobres (E é e sel-o-á d'oravante.)
E ao vir das tardes, ao passar por um atalho,
Eu ia olhando o chão, embora com trabalho,
Pois os meus olhos não podiam de fadigas,
P'ra não pizar os carreirinhos das formigas
Que andam, coitadas! noite e dia, a carregar.
E com vergonha, p'ra ninguem me vêr chorar,
Livido, magro, como um espeto, uma tocha,
Costumava esconder-me em uma certa rocha,
Que, por signal, tinha o feitio d'um gabão,
E punha-me a chorar, a chorar como um leão!
Tinha as vozes do Mar, prégando em seu convento
E a gesticulação dos pinheiraes ao Vento!
Ó Dôr! ó Dôr! ó Dôr! Calla, ó Job, os teus ais,
Que os tem maiores este filho de seus Paes!
Ó Christo! Calla os ais na tua ignea garganta,
Ó Christo! que outra dôr mais alta se alevanta!

Meu pobre coração toda a noite gemia
Como n'um Hospital...
Entrae na enfermaria!
Vê-de! Kistos da Dôr! Furo-os com uma lança:
Que nojo, olhae! são as gangrenas da Esperança!
Lanceto mais: que lindas côres! um Oceano!
Ó mornos vagalhões do Coração humano,
Amarellos, azues, negros, côr de Sol-posto!
Ó preamar de puz! maré-viva d'Agosto!
Oceano! ó vagalhões! qual é a vossa Lua?
A que horas é a baixamar, quem vos escua?
Lanceto mais ainda: as illuzões sombrias!
Cancro do Tedio a suppurar Melancholias!
Gangrenas verdes, outomnaes, côr de folhagem!
O puz do Odio a escorrer n'esta alma sem lavagem!
Tristezas côr de chumbo! Spleen! Perdidos somnos!
Prantos, soluços, ais (o Mar pelos outomnos)

A febre do Oiro! O Amor calcado aos pés! Genio! Ancia!
Medievalite! O Sonho! As saudades da Infancia!

Quantos males, Senhor! Que Hospital! Quantas doenças!

Philosophias vãs! Perda das minhas crenças!
Neurastenia! O Susto! Incoherencias! Desmaios!
Sède de immensa luz como a dos pára-raios!
Enthusiasmos! Lezão-cardiaca da Raiva!
Magoas sem fim, prantos sem fim! Chuva, saraiva
De Insultos! Afflicções e Desesperos! Gotta
De Coleras! Horror...

Deixei fugir a escota,
Perdi-me no alto mar, quando ia na galera
A India da Illuzão, ao Brazil da Chymera!
Ó Bancos do Remorso! ó rainhas Machebetts
Da Ambição! ó Reis Lears da Loucura! ó Hamlets
Da minha Vingança! ó Ophelias do Perdão...
(Socega! Faze por dormir, meu coração!
Vae alta a noite...) E o sangue arde-me n'estas veias!
Febre a cem graus: Delirio: o Céu de Luas-Cheias
Desde o Oriente ao Sol-pôr, de Norte a Sul coberto:
O mundo jovial de guarda-sol aberto!
Mar de esmeralda fluida, praias de oiro em pó!
Ó esquadras das quaes era almirante eu só!
Ó clarins a soar entre balas, na guerra!
E vencer pela Patria! E ser Conde da Terra
E do Mar! El-Rey! Ser Senhor-feudal do Mundo!
Encher a trasbordar a Vida, mar sem fundo,
Com palacios, Amor, glorias, Luxo, batalhas,
E reis e generaes envoltos nas mortalhas!...
P'ra contar tanta coiza a encher tantos abysmos,
Homens! criae outro systema de algarismos!
Meu Deus! Que pezadello! Ah tanta febre assusta...
Struggle-for-life! Ó velho Darwin, tanto custa!
Antes não ter nascido. Ó Morte, vem buscar-me...
Um lenço branco *Adeus!* nos longes a acenar-me:

Adeus, meu lar! adeus, minha taça de leite!
E foi o dia 13... E os corcundas e o azeite
Que eu entornei, Pretas que eu vi, uivos de cães!...
Choras? Porque, por quem, Anto? Pelos *Alguens*...
Chorar é bom. Ainda te resta esse prazer.
Lagrymas: suor da alma! Cançado? Vaes morrer,
Vaes dormir... Ainda não! mais febre, suores frios,
Tremuras, convulsões, nevroses, arrepios!
Unhas de leão, raspando cal n'uma parede!
Corpos Divinos, nus, ao léu! Luxurias, sêde
De amor mystico! Amar freiras de habito branco,
Morrer com ellas despenhado n'um barranco,
Sob relampagos!...
Jezus! Jezus! Jezus!

Ah quanto foi bem peor que a tua a minha cruz!
Quanto soffri, meu Deus! Ah quanto eu soffro ainda!
E isto n'um mez de paz, n'esta época tão linda,
Solsticio de verão, quando nos sabe a Vida,
Quando apparece o cravo, a minha flôr querida,
Quando os Soes-postos são uma delicia, quando
Os aldeões andam a podar, cantarolando,
E, alli, ao pé dos milheiraes, as lindas netas
Ceifam curvadas, como na haste as violetas!
Medico? Para que... A doença era d'Alma.

Saía, apenas, á tardinha, pela calma,
Sorvendo aos haustos a rezina dos pinheiros.
Tomava quasi sempre a estrada dos *Malheiros*.
A nossa caza é ao virar mesmo da estrada,
Onde perpassam os aldeões na caminhada
E a mala-posta a rir, cheia de campainhas!
Ora havia, lá (e ha ainda) umas *Alminhas*
Com um painel antigo sob um oratorio,
Que são as almas a penar no Purgatorio.
E têm esta legenda: "Ó vós que ides passando
Não esqueçais a nós n'este lume penando!„

Deitava-lhes 10 réis, mas ficava a scismar
Que mais penava eu... se ellas quizessem trocar.
E mais adiante (ainda me lembro: n'um atalho,
Ao pé da fonte) havia um monte de cascalho
Com uma Cruz de pau, braços ao Sul e ao Norte,
Para mostrar que, alli, se fizera uma morte:
Ora (é um costume) quando alguem vae de longada,
Ao ver aquella Cruz, que parece uma espada,
Deita uma pedra: cada pedra é uma oração.
Oh raras orações! nunca se callam, não!
Perpetuamente, lá ficam os *Padre-Nossos*,
Rezas de pedra, a orar, a orar por esses ossos!...
Eu, como os mais, deitava uma pedra, tambem,
Dizendo para mim: "se me matasse alguem..."
Mas eu seguia o meu passeio, estrada fóra,
E ninguem me matava...
Ah! vinham a essa hora
As moças da lavoira a cantar, a cantar,
(Faziam-me, Senhor! vontade de chorar...)
Mas quando, perto já, eu me ia aproximando,
Paravam de cantar e ficavam-me olhando...
E que eu não fosse ouvir, murmuravam, baixinho,
Com dó, a olhar: "Como elle vae acabadinho!"

Mais adiante, encontrava a mulher do moleiro,
Que ia o cantaro encher á *Fonte do Salgueiro*,
Lindos cabellos empoeirados de farinha:
Era uma flôr, mas parecia uma velhinha...
— Vae melhorzinho? — Assim... vou indo, vou melhor...
— Pois seja pelas Cinco Chagas do Senhor...

E um pouco mais além, no logar do *Cazal*,
N'uma caza de colmo, assentado ao portal,
Estava um cego, e a fiar ao lado estava a mãe,
E mal sentia, ao longe as passadas de alguem,
Clamava em sua voz vibrante de ceguinho:
"Meu nobre Senhor! olhe este desgraçadinho!"

Ai de mim! ai de mim! como não vê quem passa,
É que chama a attenção para a sua desgraça!
E, para bem coroar o meu tragico fado,
Dizia-me, ao passar, o Dr. Delegado:
"Vá para caza, fuja aos orvalhos da Noute."
É, grave, para si:
"A Sciencia abandonou-te!"
Horror! horror! horror! Que mizeravel sorte!
Em tudo via a *Velha*, em tudo via a Morte:
Um berço que dormia era um caixão p'r'a cova!
Via a Foice no Céu, quando era Lua-Nova...
Se ia á tapada ver ceifar as raparigas,
Via-a entre ellas a cortar tambem espigas!
E ao ver as terras estrumadas, como lume,
Quedava-me a scismar no meu destino... estrume.
A pomba que passava era a minha alma a voar...
E era a minha agonia um pinhal a ullular!
E, ao ver meadas de linho a corarem, ao Sol,
Pensava... se estaria, alli, o meu lençol...
E o que eu scismava ao ver passar os carpinteiros,
Cantando alegres e fumando, galhofeiros,
A tiracollo a serra, o martello e o formão...
Vinham, quem sabe! de acabar o meu caixão!
Deitava-me no chão de ventre para o Ar,
Scismava: se morrer, é assim que hei-de ficar...

Como me tinha em pé, não sei. Siquer um musculo!
Á hora christã, entre as nevrozes do Crepusculo,
Entre os susurros da tardinha, ao Sol-poente,
Quando cantam na sombra as fontes, vagamente,
Quando na estrada vão as mulinhas, a trote,
Que o alvo moleiro faz marchar sem o chicote,
Ó Natureza! tão amigos são os dois!...
E se ouvem expirar os chocalhos dos bois,
Ao longe, ao longe, entre as carvalhas do caminho...
Quando na ermida dão *Trindades*, de mansinho,

E os cravos dão á luz o fructo do seu ventre...
Quando se vê os Céus doidos, mysticos, entre
Soluços e ais a desmaiar, como n'um flato:
Alli, na encosta aonde bebem n'um regato
Os Animaes, tambem bebia. Ora, uma vez
(Sim, faz agora, pelo São Martinho, um mez)
Quando para beber me debrucei na pia,
No fundo d'agoa, vi uma photographia...
Jezus! Um velho! O seu cabello assim ao lado,
O mesmo era que o meu, todo encaracolado!
O rosto eburneo! o olhar era tal qual o meu!
E o labio... Horror! Fugi! esse velhinho era eu!

Fugi!

E, desde então, não mais saí de caza.
Ha muito, que não vejo uma flôr, uma aza,
Ha muito já, que não sorvi o mel d'um beijo:
Do meu cortiço voou a abelha do Desejo.
As duas filhas do cazeiro, ao vir da escola,
D'antes vinham-me ver, eu dava-lhes esmola.
Cantavam, riam e saltavam, um demonio!
E tão lindas, Jezus! tão amigas do Antonio...
E, agora, mal me vêm, tremem todas, coitadas!
Eu chamo-as da janella e fogem, assustadas!
E, ao vel-as na fugida, eu quazi que desmaio...
Jezus, tão lindas! são duas Tardes de Maio!

Um doente faz medo. Por isso fogem d'elle.
Estou, aqui, estou ido. Só tenho pelle.
Nada me salva, nada! E impossivel salvar-me.
E o que eu tenho a fazer, é apenas rezignar-me
E já me rezignei... Mas Carlota, esse amor,
Quiz por força chamar o bom Sr. Douctor.
E eu consenti, emfim. E lá mandou o criado
Buscar o cirurgião. Elle é o mais afamado
N'estas trez legoas, o Dr. da *Preza Velha.*
Eil-o que chega...
— Olá!... (Vê-me a lingoa vermelha,

Toma-me o pulso...) — Está bom, isso não é nada,
Beba-lhe bem, vá aos domingos á toirada,
E, sobretudo, veja lá ... nada de versos...
Mas o douctor mais eu, nós somos tão diversos!
Certo, elle é sabio, mas não tem pratica alguma
D'estas molestias e o que eu tenho é, apenas, uma
Tysica d'Alma. Emfim...
A Carlota! A Carlota!
Boa velhinha como ella é meiga e devota!
Já estaria bem se me valessem rezas.
E, no Oratorio, tem duas velas accezas
Noite e dia, a clamar á Senhora das Dores!
E queima-lhe alecrim, põe-lhe jarras com flores
E sei, até, que prometteu uma novena,
Se eu escapar... Como tudo isso me faz pena!
E trata-me tão bem, tão bem! como se eu fosse
Seu filho. Dá-me, olhae, pratinhos de arroz doce
Com as iniciaes do meu nome em canella,
E traz-me o caldo, como exijo, na tigella
Por onde come o seu. E dá-me o vinho fino,
Onde me molha o pão de ló "p'r'o seu menino„
Que é assim que eu gosto, pelo Calix do Senhor,
Que pertenceu, outr'ora, ao meu Tio Reitor.
Carlota é um beijo. Faz-me todas as vontades.
Quando me sinto peor, ao bater das *Trindades*,
E me appetece comer terra, algumas vezes
(Assim, são nossas Mães, perto dos Nove Mezes)
Sae a buscar uma mão cheia. Vem molhada:
Foi ella que chorou... mas diz que "é da orvalhada...„
E quando, emfim, sombrio, agoniado, farto,
Me vou deitar, a sancta acompanha-me ao quarto:
Ajuda-me a despir e mette-me na cama.
E com um mimo que só sabe ter uma ama
Cobre-me bem, "durma, não scisme,„ dá-me um beijo,
E sae. Finge que sae, cuida ella que eu não vejo,
Mas fica á porta, á escuta, a ouvir-me fallar só,
E não se vae deitar...
Onde ha, assim, uma Avó?

A todo o instante, se ouve á porta: "Tlim, tlim, tlim!„
Trez legoas em redor manda saber de mim:
(Aqui, lhes deixo minha eterna gratidão.)
Toca o sino e lá vae a Carlota ao portão,
Muito baixinha, atarefada; espreita á grade,
—Quem é?... E, então, olhae!

"É o Sr. Abbade

"Que manda esta perdiz, mortinha de manhã;„
Mais o Sr. D. Sebastião de Villa-Meã
—O bom Senhor! p'ra que se está a incommodar!
"Que manda este salmão do Tamega, a saltar;„
Mais o Sr. Douctor de *Linhares* "que manda
Os cravos mais lindos que tinha na varanda;„
Mais "o da *Igreja* que offerece a codorniz
Que matou, hoje, na *Tapada de Dom Luiz;*„
Mais o Sr. Miguel das *Alminhas de Pulpa*
"Que manda este perú e que pede desculpa;„
Mais "as fidalgas de *Raimonda* e de *Thuias:*
Mandam os livros e cá vêm, um d'estes dias...„
E, até, o Astronomo, coitado! e o Zé dos Lodos
Mandam coizas: sei lá... o que podem. E todos
Mandam tambem saber "como vae o Menino...„
E, então, Carlota, bom Deus! é tal qual o sino
Na noite a badalar as suas badaladas!
Põe-se a contar, carpindo, a minha doença ás criadas.
Tudo o que eu digo, quanto faço, quanto quero:
—Olhe, S.ra Julia, ás vezes, desespero...
Mas, eu quero-lhe tanto! ajudei-o a criar...
Em pequenino era tão bom de aturar...
E depois era tão alegre, tão esperto!
E então que lindo! era mesmo um cravo aberto!
Mas, hoje, é aquillo: tem os olhinhos sumidos,
Tão faltinho de côr, os cabellos compridos,
E tosse tanta vez! já arqueia das costas...
Só falta vel-o deitadinho, de mãos postas!

E elle é tão bom, tem tão bons modos...
—Coitadinho!
—Olhe, S.ra Julia, nunca viu o linho
Que a gente deita ao Sol, quando é para seccar,
E que se põe assim a esticar, a esticar?
Assim é o meu Menino...
—Ó Senhora Carlota
E se eu fallasse á Anna Coruja, essa que bota
As cartas? Foi talvez malzinho que lhe deu...
—Nunca foi assim: foi depois que se metteu
A fumar, a beber e lá com as po'zias.
Aquillo para mim foram as companhias.
Vinha p'ra caza, á meia-noite, noite morta,
E eu fazia serão para lhe abrir a porta.
E nunca ia á lição, ficava sempre mal
Nos seus exames, escrevia no jornal;
E o Pae (que é um sancto, como ha poucos) que não via
Nem vê mais nada, então nunca o reprehendia
Com medo de o affligir... mas depois, quando estava
Mettido á noite, só, no seu quarto... scismava.
—O Povo diz por hi que foi paixão que trouxe
Lá dos estudos, de Coimbra...
—Antes fosse,
Porque o remedio estava, alli, na Igreja... Adei...
—Mas se a menina não quizesse... eu sei, eu sei...
—S.ra Julia! Não havia de querer!
Não que elle é mesmo alguem hi para se perder,
Para deitar á rua: um senhor tão prendado!
Depois, está aqui, está quazi formado...

Ai valha-me, Jezus! eu perco a ideia, faço
A minha perdição... Ás vezes, ergue o braço
E vae por hi fóra, por todas essas salas,
A prégar, a prégar, e tem mesmo uma fallas
Que não enxergo bem, mas que fazem tremer:
Hontem, á noite, quando se ia a recolher,

(Quando faz lindo luar, quer deitar-se sem vela)
Entrou na alcova, eu tinha ainda aberta a janella,
E diz-me, assim, tão mau: «p'ra que veio entornar
Agoa no quarto!» e vae-se a vêr... era o luar!
E quando foi para chamar o cirurgião?
Jezus! quanto custou! Que não, que não, que não!
Não tinha fé nenhuma "em um douctor humano„
Que só a tinha no Sr. Dr. Oceano.

Mas uma coiza que lhe faz ainda peor,
Que o faz saltar e lhe enche a testa de suor,
É um grande livro que elle traz sempre comsigo,
E nunca o larga: diz que é o seu melhor amigo,
E lê, lê, chama-me: "Carlota, anda ouvir!„
Mas... nada oiço. Diz que é o Sr. Shakespeare.

E, ás vezes, bota versos, diz coizas tão más!
Nada lhe digo, mas aquillo não se faz.
Ainda, esta manhã: eu estava a pôr flores
E as velas accendia á Senhora das Dores,
(Que tem dó d'elle, coitadinha! chora tanto...)
Vae o Menino a olhar, a olhar, sae-me d'um canto
E uiva-lhe assim:
"Antes as tuas Sete Espadas!„

E o que á Senhora Julia diz, diz ás mais criadas.

II

MEZES DEPOIS, NUM CEMITERIO

ANTO

Olá, bom velho! é aqui o *Hotel da Cova*,
Tens algum quarto ainda para alugar?
Simples que seja, basta-me uma alcova...
(Como eu estou molhado! é do luar...)

O POVO

O luar averte as orvalhadas sobre as ruas
Jezus, que lindo...

Vamos! depressa! Vem, faze-me a cama,
Que eu tenho somno, quero-me deitar!
Ó velha Morte, minha outra ama!
Para eu dormir, vem dar-me de mamar...

A SR.ª JULIA

São as Janeiras da Lua!

O COVEIRO

Os quartos, meu Senhor, estão tomados,
Mas se quizer na valla (que é de graça...)
Dormem, alli, sómente os desgraçados,
Tem bom dormir... bom sitio... ninguem passa...

O ZÉ DOS LODOS

A Lua é a nossa vacca, ó Maria
Mugindo...

Ainda lá, hontem, hospedei um moço
E não se queixa... e ha-de poupal-o a traça,
Porque esses hospedes só trazem osso,
E a carne em si, valha a verdade, é escassa.

O DR. DELEGADO

A Noite parece dia!

ANTO

Escassa, sim! mas tenho ossada ainda,
Emquanto que a Alma, ai de mim! nada tem...
Guia-me ao quarto... (a Lua vae tão linda!)
Dize-me: quantos annos me dás? Cem?

O SR. ABBADE

E esta? Em vez de trazer a opa, que é de logar
Trouxe a d'anjinho!

A MULHER DO MOLEIRO

É o luar, Sr. Abbade, é o luar!

Oh cem! E os que eu não mostro e o peito guarda...
Os teus mortinhos, sim! dormem tão bem:
"Dormi, dormi! que vossa Mãe não tarda,
Foi lavar á *Fontinha de Belem*..."

O ASTRONOMO

Isto lun-ar assim! Isto é o verão
De São Martinho!

O COVEIRO

Aqui. Fica melhor do que em 1.ª:
Colchão assim não acha em parte alguma!
Os outros são de chumbo, de madeira,
Mas este, veja bem, é sumauma...

O CEGO DO CAZAL

Faz solzinho, que horas são?

CANTANDO

"Colchão de raizes e de folhas, lizo,
Lençoes de terra brandos como espuma,
Dal-os-ei ao rol, no dia de Juizo...„
Prompto. Quer mais alguma coisa? fuma?

CARLOTA

Ó luar, anda mais devagarinho!
Deixa dormir o meu menino...
Coitadinho!

ANTO

Mais nada. Boas-Noites. Fecha a porta:
(Que linda noite! Os cravos vão a abrir...
Faz tanto frio!) Apaga a luz! (Que importa?)
A roupa chega para me cobrir...

A MÃE DE ANTO

Aqui, espero-te, ha que tempo enorme!
Tens o logar quentinho...

Toma lá para ti, guarda. E ouve: na hora
Final, quando a Trombeta além se ouvir,
Tu não me venhas acordar, embora
Chamem... Ah deixa-me dormir, dormir!

DEUS

Dorme, dorme,

Paris, 1891.

FIM

NOTAS

ANTONIO

Ó velha Carlota! Pag. 13

Criada muito dedicada, que serviu durante muitos anos em casa da família do poeta. Ainda depois, apesar de muito velha, algumas visitas lhe fez em Cazaes e no Seixo, porque morava perto dêstes logares, um pouco alêm de Penafiel.

A tia Delfina, Pag. 14

Tia paterna, que vivia na Lixa, terra onde nasceu o Pae do poeta.

Mãe-Madrinha Pag. 15

Avó paterna e madrinha da irmã mais velha de Antonio Nobre, que desta maneira a tratava, assim como todos os outros netos. Vivia na Lixa.

O Zé do Telhado Pag. 16

Célebre bandido que morava perto da Lixa e cuja biografia Camilo traçou nas «Memórias do Carcere».

Ó feira das uvas! Pag. 16

Feira assim denominada, que se realisa na Lixa nos primeiros sabado, domingo e segunda-feira de Setembro, por ocasião da romaria de Nossa Senhora das Victorias.

Chegou uma carta tarjada Pag. 17

Referencia á morte, no Rio de Janeiro, de meu irmão Albano, anunciada numa carta entregue pelo carteiro num dia em

que saíamos de casa, com meu Pae. Um telegrama alguns dias antes recebido comunicava que elle havia adoecido com a febre amarella.

Com nosso cazeiro — Pag. 17

José, caseiro da casa do Seixo e coveiro da freguesia de S. Mamede de Recezinhos a que pertence o logar do Seixo, terra da naturalidade da Mãe do poeta.

E entrei para a escola — Pag. 19

Escola do padre Albertino para onde meu Pae nos mandava quando iamos, em pequenos, passar temporadas à Lixa.

A meu Pae rogavam "deixasse o Menino Pegar a uma vela..." — Pag. 20

Era frequente receber meu Pae pedidos para que acompanhassemos os enterros de anjinhos. Em Leça da Palmeira o encarregado desse serviço era um alfaiate que morava na rua de Fuzelhas e conhecido pela alcunha de *galo do poleiro*. Ainda hoje é costume nas aldeias dar vinho e doces ás pessoas que visitam os doridos.

A prima doidinha — Pag. 20

Prima de minha Mãe. Chamava-se Antonia e era conhecida por aqueles sitios (Seixo) pela tola de Bafoures.

Frades do Monte de Crestello — Pag. 20

É o monte mais elevado da freguesia de Recezinhos, fica próximo do Seixo e da estrada de Cazaes.

LUSITANIA NO BAIRRO-LATINO

Moinhos de velas, como latinas Que São Lourenço fazia andar... — Pag. 22

Entre os maritimos de Leça era costume invocar S. Lourenço quando havia calmaria :

S. Lourenço
Dae-nos vento
Barbas d'oiro
. . . . . .

Ó Cabo do Mundo! Moreira da Maia! Pag. 24

O Cabo do Mundo fica no logar de Perafita; é um caminho que vae dar á memoria da Praia de Pampelido, onde desembarcou D. Pedro IV, praia mais conhecida, mas erradamente, pela praia do Mindelo e que fica muito mais ao norte.

Moreira da Maia, freguesia de Moreira, Pedras Rubras.

Fortalezas de Lipp! Pag. 25

Castelo de Leça da Palmeira, construido como outros, pelo Conde de Lipp. Foi governador desse castelo o major reformado Antonio Pinto Leão da Silva, grande amador de flores que cultivava no fosso do castelo. Era neste castelo que, durante a epoca de banhos, brincavamos com os filhos do governador e com outros rapazes.

Ó bruxa do Padre... Pag. 25

Conhecida tambem pelo nome de Maria Cuca. Antiga criada dum padre que era senhorio da casa que habitamos durante varias épocas de banhos, em Leça da Palmeira, e que vivia numa pequena casa do quintal.

A casa fica no Largo de Santa Catarina junto duma estreita viela. O senhorio era muito miseravel e vinha de Aguas Santas, onde morava, frequentes vezes a Leça, a cavalo numa burra, á qual, dizia aquela gente, ele dava fitas de carpinteiro.

Maria Cuca tomava conta da casa e deitava cartas.

Depois que o padre morreu, afirmava o povo, que a alma dele se metera no corpo da mulherzinha, motivo por que esta tinha frequentes ataques. Havia tambem, dizia-se, quem visse, de noite, o padre a cavalo na burra nos baixos da casa, a penar por ter mudado uns marcos num terreno de Aguas Santas para alargar as suas propriedades.

Joaquim da Thereza! Francisco da Hora! Pag. 25

O primeiro era um maritimo que tinha a seu cargo chamar os barcos de pesca, nas ocasiões de mau tempo, do farolim

que ainda hoje existe na barra do Leça, empregando o porta-voz e o chapéu com que acenava aos barcos quando via que as ondas permitiam a aproximação da praia.

O segundo pertenceia á familia do Dr. Alves da Hora, que foi lente da Universidade de Coimbra.

Arrabalde! Pag. 25

Ou José Rabalde, antigo embarcadiço, senhorio duma casa que habitamos em Leça, na rua do Moinho de Vento, (actual Cinco de Outubro) em frente a uma travessa estreita que dava para a praia e hoje para os armazens de Leixões.

A' tardinha juntavamo-nos no quintal onde êsse velhinho, de carapuça e fumando no seu cachimbo, nos contava muitas historias.

Vapor *Perseverança* Pag. 25

Vapor espanhol que se perdeu nos rochedos de Leixões, na Baixa do Moço, na noite de 25 de Agosto de 1872, por causa do nevoeiro. Morreu quasi toda a tripulação. A filha do capitão ainda chegou com vida á praia, perto do Castelo do Queijo; mas não só lhe roubaram o dinheiro que trazia numa bolsa que o pae lhe pusera á cinta, como até lhe cortaram os dedos por causa dos aneis. Ainda ha poucos anos morreu em Nevogilde uma mulher que dizem ter sido quem lhe cortara os dedos. Como a agonia dessa mulher fosse longa, dizia o povo que ela estava a penar pelo mal que havia feito.

Ó *Boa-Nova*, ermida á beira-mar Pag. 26

Ermida de S. João da Boa Nova, situada ao norte de Leça sobre os rochedos mais elevados desta parte do litoral.

Ó *Sant'Anna* Pag. 26

Pequena capela edificada no monte que fica próximo da igreja matriz de Leça.

Ó logar de *Roldão!* villa de *Perafita!* Aldeia de *Gonsalves!* Pag. 26

Pequenas povoações situadas ao norte de Leça.

Mesticoza! Pag. 26

Nome porque era conhecida uma rapariga, banheira e costureira, que nos contava historias e cantava cantigas populares.

Agoa fresquinha da *Amoroza!* Pag. 26

Fonte situada nas trazeiras da igreja matriz de Leça e cuja agua era considerada como a melhor da povoação.

Ó praia da *Memoria!* Pag. 26

Praia de Pampelido ou Arenosa, ao norte de Leça, onde desembarcou D. Pedro IV e onde está o obelisco de granito que comemora o facto.

Ó capelinha do *Senhor d'Areia* Pag. 26

Pequena ermida, edificada na praia de Matozinhos, á qual está ligada a lenda do aparecimento, naquele local, dum dos braços da imagem do Senhor de Matozinhos.

(Ao leme vae o mestre Zé da Leonor) Pag. 27

Pescador que vivia nesse tempo em Matozinhos.

Parece o Pharol... Pag. 28

Farol da Senhora da Luz, na barra do Douro.

Lá vae o Bernardo da Silva do Mar Pag. 28

Conhecido tambem pelo nome de Bernardo do Campo, embarcadiço que viveu em Leça.

Ainda lá vejo o Zé da Clara Pag. 29

Antigo capitão de navios, que se entretinha com a pesca, em Leça.

CANÇÃO DA FELICIDADE

E ver entre ellas o Zé da Ponte Pag. 40

Homem que alugava barcos para passeios no rio Leça (rio Doce). Morava proximo da *ponte de pedra* e era já idoso e tropego.

CARTA AO MANOEL

No barco á vela do moreno Gabriel! Pag. 47

Companheiro inseparavel nos passeios ao mar. Ainda vive em Leça e conta que Antonio Nobre algumas vezes ia com ele para o mar onde recitava alto os seus versos. Muito trigueiro e marcado pelas bexigas, foi sempre uma boa criatura, recordando ainda agora com saudade esses tempos de bons amigos e companheiros.

Ó *Rio Doce!* Pag. 47

É o rio Leça assim designado para o distinguirem do canal salgado, que lhe corre paralelo até á ponte Tavares, onde termina.

Para isso basta entrar o Mario da Anadia Pag. 48

Mario Duarte, seu condiscipulo em Coimbra.

Conheces o Fernando? Pag. 49

Dr. Fernando de Brederode, seu condiscipulo. Actuario e antigo ministro da Republica.

... E o doce Misco? Pag. 49

Francisco de Souza Holstein, seu condiscipulo.

Ó Pedro da minh'alma! Pag. 49

Dr. Pedro Monteiro Castelo Branco, professor de Direito na Universidade de Coimbra.

Espera-nos o Toy, extazia-se o Alberto Pag. 51

Dr. Antonio de Mello (Agueda) e Dr. Alberto de Oliveira, seus condiscipulos e amigos intimos.

VIAGENS NA MINHA TERRA

Essas jornadas que eu fazia Pag. 56

Viagens ao Seixo e á Lixa em diligencia antes da construção do caminho de ferro do Douro. Esta carreira sustentada pelo *gordo e rubro Cabanellas,* partia da rua de Santo Ildefonso, no Porto, de manhã cedo pela estrada de Ermezinde, Vallongo, Baltar, Penafiel, Casaes, Lixa, etc.

Subida de Novellas Pag. 57

É a estrada que começa na estação de Penafiel, situada no lugar de Novellas, e segue até á cidade. A esta estação vinha o Cabanellas buscar algumas vezes meu irmão que se dirigia para Cazaes ou para o Seixo.

Cazaes Pag. 58

Antiga estalagem propriedade de duas irmãs chamadas Andrades. Era muito frequentada no tempo das carreiras de diligencias para Amarante. Depois da construção da linha do Douro as proprietárias, vendo a frequencia da sua hospedaria rarear, dedicaram-se á fabricação de doce. Foi nesta casa, numa tranquilidade quasi absoluta, que Antonio Nobre passou algumas temporadas durante a sua doença, visitado pela sua familia e alguns amigos. O logar de Cazaes fica um pouco além de Penafiel.

Trovoada Pag. 58

Lugar proximo da Lixa, na estrada de Penafiel e onde se dizia os ladrões atacavam os viajantes.

D. ENGUIÇO

Meu pobre Chico! meu pobre Chico! Pag. 70

D. Francisco de Souza Coutinho (Chico Redondo) seu companheiro em Paris, na pensão de M.me Laïlle, rua des Escoles, 41.

O MEU CACHIMBO

Na Torre d'Anto, aonde eu moro Pag. 71

Casa de aspecto de torre, onde morou quando frequentou a Universidade, em 1890. Por iniciativa da *Galera*, de Coimbra, foi feita uma homenagem à memória de Antonio Nobre e colocada uma lapide nessa torre.

AO CANTO DO LUME

Olá Joseph deita mais carvão Pag. 81

Criado que servia na pensão de M.me Laïlle, em Paris, e que lhe era muito dedicado.

ADEUS!

Adeus! "*St. Jacques*„ vae depressinha... Pag. 93

Pequeno vapor francez em que fez a viagem, em Novembro de 1893, do rio Douro ao Havre.

SONETOS

IX

Sr. Abbade Pag. 111

Luiz de Serpa Pinto, abbade de S. Mamede de Recezinhos, freguezia a que pertence o lugar do Seixo. Foi um homem bondoso, cumprindo os seus deveres religiosos, mas ocupando-se de

resto, com as suas propriedades e com a caça. «Mais padre de perdizes, do que Ministro de Deus», como dizia Antonio Nobre.

Iamos passar a casa dele temporadas, por ocasião das férias, por causa da muita amizade que nos ligava ao seu «sobrinho authentico» Joaquim de Serpa Pinto, «o da Igreja», seu actual herdeiro.

NA ESTRADA DA BEIRA Pag. 126

Poesia dedicada á Senhora D. Margarida da Rocha e Castro, mãe do Emilio, do Ruy, oficial de artilharia, e do Vasco, inspector dos Tabacos em Villa Real, ultimamente falecido.

CERTA VELHINHA

Tapada das *Quatorze Cruzes* Pag. 135

Pertence ao «sobrinho do Sr. Abade», Joaquim de Serpa Pinto. Fica próximo da egreja de Recezinhos. O rapazio tem deitado abaixo muitas daquelas cruzes. Era para esta tapada que meu irmão ia muitas vezes passar a «sesta» com o seu actual proprietario á sombra das belas arvores que ainda hoje existem.

Anninhas da Eira Pag. 136

Era uma prima paterna que nos ia visitar ao Seixo, levando sempre presentes de pão de ló, cavaquinhas e ovos.

MALES DE ANTO Pag. 139

Poesia escrita ou imaginada no Seixo, para onde foi depois de abandonar o curso de Direito, de Coimbra, com a saude muito abalada e cheio de desgostos.

Estrada dos Malheiros Pag. 142

E' um pedaço de estrada, recta, aproximadamente de dois kilometros que vae ter a Felgueiras e logo adeante da estação de Cahide e em frente do antigo solar do Quintão, hoje propriedade do sr. José Malheiro.

Cazal Pag. 143

Logar proximo do Seixo, atravessado pela estrada camararia que vae da Tapada de D. Luiz para a Senhora da Livração e fazendo parte da freguezia de S. Mamede de Recezinhos.

Quando para beber me debrucei na pia Pag. 145

E' um tanque da caza do Seixo com agua corrente e que fica junto da parede do quarto em que dormia.

Dr. da Preza Velha Pag. 145

Dr. Antonio Teixeira da Silva Leitão, medico que morava no lugar da Preza Velha proximo do Seixo e que hoje vive no antigo convento do Bustelo, sua propriedade, proximo de Penafiel.

D. Sebastião de Vila Meã Pag. 147

Sr. Sebastião de Bessa Velloso, descendente dos Morgados da Venda do Campo, antigo caçador que meu irmão algumas vezes acompanhava. Ainda vive na sua casa da Venda do Campo.

Doutor de Linhares Pag. 147

Dr. José Torquato Teixeira Soares, rico proprietario em Linhares, proximidades do Seixo, onde viveu muitos anos. Veio depois para o Porto, vivendo num hotel, onde ha pouco tempo ainda, faleceu.

O da Igreja Pag. 147

Era assim que chamavam ao nosso amigo e companheiro no Seixo, Joaquim Augusto de Serpa Pinto, como já se disse, «autentico sobrinho» do abade de S. Mamede e ainda ali residente.

Tapada de D. Luiz Pag. 147

Propriedade murada que se estende desde a estação de Cahide até á estrada distrital e fica por cima do tunel de D. Luiz

Astronomo Pag. 147

Velho cazeiro do Abade de S. Mamede de Recezinhos que este consultava sobre o tempo quando queria ir á caça.

O velhote fitava os astros e se o vento estivesse da Galileia (entre leste e nordeste) não haveria chuva, assim como se ele soprasse da Galiza (norte), ou da serra (Serra do Marão, leste). Outras vezes era Arouca, «vento muito e chuva pouca» (entre oeste e sudoeste). Se porém fosse do mar, o abade não saía para a caça porque a chuva era certa.

O nome de Astronomo foi-lhe posto por Antonio Nobre.

Chamava-se José Moreira e era conhecido naquelas redondezas pelo «Capitão da Igreja» alcunha que ele arranjou por ser muito *basofia*. Morreu em 1892.

Zé dos Lodos Pag. 147

Assim chamado por comprar os lodos para fazer os jugos dos bois. Era tambem conhecido pelo nome de José do Penedo morreu em Cahide.

Senhora Julia Pag. 147

Ama que foi dum dos nossos sobrinhos mais velhos e que continuou ao serviço da casa durante muitos anos. Bondosa criatura, mas pouco inteligente.

Anna Coruja Pag. 148

Conhecida pela *bruxa*. Era filha do *Astronomo*. Ralhava com meu irmão por causa dos beijos que ele gostava de dar numa sobrinha muito novita. Morreu doida em 1915.

TABOA

Antonio 13
Luzitania no Bairro-Latino 22
Entre Douro-e-Minho 34
Lua Cheia 66
Lua Quarto-Minguante 84
Sonetos 103
Elegias 121
Males de Anto 139

ERRATAS

Pag.

22 — Só!.....

34 — Entre Douro-e-Minho.

As pequenas correções que se fizeram nesta edição encontram-se no exemplar do *Só* que pertenceu ao autor.

PQ
9261
N6S6
1921

Nobre, Antonio
Só 4. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY